



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL
EM REDE (PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA**

ANSELMA MORAIS SANTOS

O ESTUDO DE MEMES NO ENSINO DE LÍNGUA

**Itabaiana-SE
2015**

ANSELMA MORAIS SANTOS

O ESTUDO DE MEMES NO ENSINO DE LÍNGUA

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE DE ITABAIANA - da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Dra. Mariléia Silva dos Reis.

**Itabaiana-SE
2015**

ANSELMA MORAIS SANTOS

O ESTUDO DE MEMES NO ENSINO DE LÍNGUA

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional de Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Prof. Alberto Carvalho.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mariléia da Silva Reis (Presidente)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra (Avaliador externo)
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho (Avaliadora interna)
Universidade Federal de Sergipe

Aprovada em:

São Cristóvão - SE, 20 de novembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Maria José Moraes, minha querida mãe, e a todas as pessoas que fizeram, fazem e farão parte da minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

Aos professores doutores do PROFLETRAS pela competência.

À Professora doutora Mariléia da Silva dos Reis, pela orientação, paciência, amizade, uma família.

Ao professor Carlos Magno, Coordenador do PROFLETRAS, que sempre esteve presente.

À CAPES, pelo apoio e auxílio financeiro.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação ao longo dessa jornada.

Aos meus pais, tios e tias, por acreditarem sempre em mim.

Aos meus nove irmãos, por estarem me apoiando em todos os momentos.

Ao meu esposo, Sérgio, pela paciência e compreensão nesses dois anos.

Aos meus filhos Juliana, Larissa e Rodrigo, pelo companheirismo.

Aos meus sobrinhos, aos colegas de trabalho, aos amigos Augusta, César, Eugênia, Nice e Régi.

Aos colegas do PROFLETRAS, em especial, Ana Cláudia, Alessandro, Alexandre, Angélica Cecília, Deise e Gilvan, pela parceria.

Aos meus alunos, em especial, os do 9º ano A, do Colégio Estadual Felisbello Freire, e aos da 4ª etapa da EJAEF, do Colégio Estadual Professor Antônio Fontes Freitas, por fazerem parte deste trabalho.

À Nalvinha, por cuidar da minha família na minha ausência.

RESUMO

Neste trabalho, abordamos o gênero textual meme como proposta de reflexão sobre compreensão da leitura em suas multimodalidades, atendendo a uma estratégia de aula mais voltada para a oralidade, na tentativa de tornarmos o ensino de língua mais inclusivo (de maior escuta), bem como firmarmos a formação dos alunos da Educação Básica para o letramento e para a cidadania. Definimos meme como gênero textual que se situa na interface e dialogismo com outros gêneros em quadrinhos mais tradicionais, como o cartum, a charge e as tirinhas, porém, com estrutura mais livre: além de permitir mesclar imagens reais e fictícias (caricaturadas ou não), não controla também a acomodação de textos verbais e não verbais, no todo significativo. Constitui-se, então, de textos verbais e não verbais, plurissignificativos, versando geralmente sobre questões sociais de natureza mais polêmica sobre o cotidiano, a política, o esporte e afins. O objetivo da pesquisa visa ao estudo e à discussão mais pormenorizados do meme com estudantes da rede pública estadual de Sergipe que estão saindo do Ensino Fundamental (nono ano e quarta etapa de EJAEF), bem como à descrição do modo como o referido gênero foi por eles analisado e discutido em avaliação de escrita e avaliação de escuta (oral). Os pressupostos teórico-metodológicos baseiam-se nos estudos de Kleiman (1989; 2005) sobre leitura, letramento e cidadania; de Leffa (1996), sobre a perspectiva mais cognitiva da leitura; e de Perrenoud (2000), sobre as novas tecnologias, dentre outros autores. Os resultados evidenciam que a inclusão de memes no ensino de língua é promissora, especialmente por promover identidade no grupo com questões além dos muros da escola.

Palavras-chave: meme, leitura e letramento, tecnologias da informação.

ABSTRACT

In this article we will discuss the genre *meme* as a proposal to a reflection about reading comprehension in its various modalities, attending to a pedagogical practice of language teaching more inclusive and more focused on literacy and citizenship of basic education students. We define *meme* as a genre that lies at the interface and dialogism with other more traditional comic material, such as cartoon, charge, and comic strips, but with a freer structure. It consists of verbal and nonverbal texts, very meaningful, usually dealing on social issues of a more polemic nature about everyday life, politics, sports and alike. The objective of the research aims to study and make a more detailed discussion about *meme* with students from public schools of Sergipe, which are coming out of elementary school (ninth grade and fourth EJAEF stage), as well as a description of how the said genre was analyzed and discussed by them. The theoretical and methodological assumptions are based on studies of Kleiman (1989; 2005) about reading, literacy and citizenship; of Leffa (1996) about a more cognitive perspective reading, and Perrenoud (2000), about new technologies, among other authors. The results highlight the inclusion of memes in language teaching is promising, especially to promote identity in the group with issues beyond the school walls.

Keywords: *meme*, reading and literacy, information technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Meme 01	33
Figura 2 - Meme 02	34
Figura 3 – Memes 03A e 3B	Erro! Indicador não definido. 4
Figura 4 – Memes 04A e 4B	Erro! Indicador não definido. 5
Figura 5 – Meme 05	Erro! Indicador não definido. 6
Figura 6 – Meme 06	Erro! Indicador não definido. 9
Figura 7 – Meme 07	44
Figura 8 – Meme 08	45
Figura 9 – Meme 09	46
Figura 10 – Meme 10	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Fundamentação teórica	18
1.1. LEITURA E COMPETÊNCIA LEITORA	18
1.2. LETRAMENTO DIGITAL E GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS	21
1.2.1. Letramento digital	23
1.2.2. Multimodalidade	25
1.2.3. As novas exigências da escola e as tecnologias na vida escolar	27
1.2.4. As tecnologias no ensino de Língua Portuguesa para o letramento	29
2. METODOLOGIA E ANÁLISE DE RESULTADOS	32
2.1. Primeira etapa da pesquisa: aplicação de questionário escrito	33
2.1.1. Análise da avaliação escrita do meme 01	34
2.1.2. Análise da avaliação escrita do meme 02	36
2.1.3. Análise da avaliação escrita do meme 03A	36
2.1.4. Análise da avaliação escrita do meme 04A	37
2.1.5. Análise da avaliação escrita do meme 05	38
2.2. Etapa 2: avaliação oral (não dirigida) dos memes por alunos da EJAEF	38
2.2.1. Análise dos argumentos orais sobre o meme 06	41
2.2.2. Análise dos argumentos orais sobre o meme 03B	43
2.2.3. Análise dos argumentos orais sobre o meme 04B	44
2.2.4. Análise dos argumentos orais sobre o meme 07	45
2.2.5. Análise dos argumentos orais sobre o meme 08	47
2.2.6. Análise dos argumentos orais sobre o meme 09	48
2.2.7. Análise dos argumentos orais sobre o meme 10	50
2.3. Correlação dos resultados da avaliação escrita e da avaliação oral	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXOS	63

INTRODUÇÃO

Embora a oralidade seja uma prática que precede a escrita ao longo da história da humanidade e seja uma modalidade da língua que é usada, de modo ostensivo, no cotidiano da vida privada e pública, não há ainda uma compreensão clara sobre o seu ensino em sala de aula
(Maciel, 2014)

O homem é um ser que fala e, com a fala, firma suas relações afetivas e profissionais presencialmente ou a distância (via tecnologias, como o celular, o skype e afins). Esses suportes de gêneros textuais orais hoje assumem multifunções simultaneamente à conversação, com a veiculação de pequenos textos de entretenimento e interação social: os memes são um dos mais usados.

Para atender à situação comunicativa de leitura de curta duração (geralmente de fácil compreensão), está o meme, que definimos como gênero textual muito próximo da charge, do cartum e das tirinhas. Embora disponha de uma estrutura mais livre em relação ao modo como ele acomoda as imagens reais e fictícias (caricaturadas ou não), por outro lado, preserva uma característica fixa que determina o seu perfil: um só quadrinho. É formado de textos verbais e de textos imagéticos que abordam geralmente questões do cotidiano, da política, do esporte, da arte, e de temas diversos, em geral.

Para essa dissertação, selecionamos o gênero meme como objeto de reflexão no ensino de língua em práticas de sala de aula: com esses textos, o celular passa a adentrar não só aos muros da escola, como também à sala de aula, por configurar-se o suporte de maior incidência do referido gênero. Então, surgiu a preocupação: que uma nova ferramenta de tecnologia, em especial, um dos maiores suportes de textos orais, não seja abordada com as mesmas estratégias tradicionais de ensino firmadas sobremaneira pela escrita.

Exemplos de equívocos nesta direção não nos faltam, a começar quando se optou pela rotina de uso do datashow nas nossas aulas, por exemplo, no começo deste século: havia professores que aderiram à nova tecnologia, mas apenas para leitura de textos predominantemente verbais escritos, e não de imagens e animação destes. Com o tempo, essas dificuldades foram superadas e hoje o datashow se constitui um eficaz suporte para o trabalho com os textos, nas suas multimodalidades.

Neste sentido, relevando esta preocupação, nossa pesquisa tem como *objetivo geral* analisar e descrever duas práticas de estudo de memes em contextos de sala de aula, com alunos das séries finais do Ensino Fundamental, a partir de duas diferentes estratégias de avaliação: uma com mais ênfase na escrita e outra, na escuta (oralidade).

A dissertação está dividida em dois capítulos: no primeiro, abordamos a competência leitora, letramento e os gêneros textuais digitais, com base em Kleiman (2008) e Eco (2004). No segundo capítulo, temos a descrição da metodologia trabalhada em sala de aula e a análise dos resultados. Por fim, na última parte, as considerações finais.

Justificativa

Se olharmos do ponto de vista social, percebemos que a oralidade está presente em grupos que a dominam e dominam a escrita. Ao longo da história, aqueles grupos que não possuíam escrita eram considerados menos evoluídos em relação aos outros, infelizmente esse pensamento persiste até hoje. Isto fica evidente pelos preconceitos sociais existentes, uma vez que há quem defenda a norma padrão da língua, firmada para o uso da escrita, como a única correta e aceitável, considerando a linguagem que é própria de uma determinada região como errada se ela não for a que se considera como padrão.

Na realidade, o que deve haver é o respeito e a aceitação, por quem domina a norma culta, das demais formas de expressão verbal, incluindo a modalidade oral da língua. Por outro lado, aquelas pessoas que, mesmo tendo conhecimento da norma padrão não a praticam, devem observar e ter atenção aos momentos em que deverão deixar de falar de maneira coloquial e usar uma linguagem mais formal que seja adequada à situação vivenciada.

Segundo Maciel (2014), muito se tem falado sobre “a necessidade de se trabalhar a oralidade na sala de aula, mas por que tanta preocupação com essa prática? Isso se justifica pelo fato de que os gêneros textuais começam a fazer parte de nossa vida desde que começamos a nos interagir no meio em que vivemos” (p. 26). Dessa forma, os educandos chegam à escola carregados de representações próprias de sua comunidade, e tendo contato com outras representações, uma vez que a escola, principalmente da rede pública, é composta por pessoas oriundas de diferentes classes sociais.

A autora considera que as nossas escolas não estão preparadas para que o trabalho com a oralidade seja de fato efetivado, pois ainda existe aquela velha ideia de que a norma culta

é a que deve predominar, em especial na escola, lugar onde o aluno deve aprender a ler e escrever de forma correta, isto é, como manda a norma culta.

Quanto ao ensino da língua materna e, conseqüentemente, à melhoria no processo de escolarização, Marcuschi (2007, p. 33) dá uma importante contribuição quando fala sobre a relação oralidade e escrita, dizendo que “os gêneros se distribuem pelas duas modalidades num contínuo, desde os mais formais aos mais informais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana”.

Dessa forma, não podemos abrir mão de trabalhar essas duas modalidades em sala de aula, como também precisamos mostrar a funcionalidade dessas mesmas modalidades quando surgem nos discursos em sala de aula. Além disso, é importante ressaltar que o nosso aluno faz parte de uma comunidade marcada por variações linguísticas, sociais e econômicas as quais não podem passar despercebidas ou tratadas como sendo inferiores ou superiores, apenas diferentes, e, por essa razão devem ser respeitadas.

Nas práticas sociais de letramentos, a linguagem se apresenta em duas vertentes, como também em dois modos fundamentais relativamente pelos quais os indivíduos se expressam, sejam eles tanto em atividades orais quanto em atividades escritas (MARCUSCHI, 2005). Já para Fávero (2011), a vida em sociedade nos permite o conhecimento e o reconhecimento de duas modalidades fundamentais de produções linguísticas, estas que se apresentam em duas formas: as orais, que acontecem no momento em que falamos; e a escrita, que se apresentam no momento em que, nós, os indivíduos as escrevemos.

Entretanto, vale salientar que as práticas de ensino de língua são vistas, de um modo geral, fundamentadas na modalidade escrita, eliminando quase que por completo as práticas da oralidade. Dessa forma, o preconceito em relação ao ensino da oralidade nas salas de aula ganha força, pois, a modalidade em evidência é a norma padrão, restrita à escrita, fato este que ocorre constantemente nas instituições de ensino, e nem mesmo este fato é explicado aos alunos (LEITE, 2009), que entram e saem do campo educacional sem ao menos saber o porquê do ensino da oralidade ser tão ausente dos currículos escolares

Sabendo que a fala apresenta as mesmas características que encontramos na escrita, e mais ainda, nas duas vertentes, observamos que tais características nos levam sempre a um ponto marcante em comum pelo qual chegamos às funções interacionais. Diante disso, em relação ao ensino da escrita (em oposição ao da oralidade), Marcuschi (2005), afirma que

não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel

importante a cumprir e não competem. [...] Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem a sua história e seu papel na sociedade (p. 15).

Partindo desse pressuposto, acreditamos que o ensino da oralidade é uma modalidade que precisa ser estudada por todos aqueles que também estudam a escrita, uma vez que na sociedade o uso da oralidade é tão presente. Em razão disso, o campo educacional necessita de uma abrangência maior das formas de interação entre o meio e os indivíduos pelos quais vivem, buscando assim a inserção do ensino de oralidade no contexto do sistema formal de ensino (MARCUSCHI, 2005, p. 47).

Segundo Marcuschi (2001, p. 64), as produções discursivas orais contemplam um leque muito grande e diverso de práticas, gêneros e de processos de produção de textos, desta forma, as diferenças entre fala e escrita não podem ser vistas em termos de separações, elas devem ser trabalhadas tendo como base critérios iguais de funções.

Os diferentes modos de fala e as diferentes linguagens constitutivas da produção discursiva oral podem ser trabalhados como importantes recursos comunicativos no ensino das línguas, principalmente, quando da efetiva inserção dos alunos em práticas e gêneros orais. Para tanto, este trabalho somente pode ser efetivado se os alunos forem levados a ter a consciência de que a tomada da palavra é uma das atividades mais importantes a serem desenvolvidas em sala de aula, ampliando suas competências comunicativas e sua formação intelectual e crítica dentro e fora da escola. Essa mudança, que provoca o interesse pelo novo, deve estar presente no objeto de ensino e nas técnicas utilizadas em sala de aula.

O gênero textual meme: gênero quadrinhos

O gênero quadrinhos tem inúmeros outros subgêneros, como a charge, as tirinhas e os cartuns, todos com características e elementos linguísticos próprios, alguns detalhes os diferenciam uns dos outros. São bem populares dentro da camada populacional e bastante difundidos no nosso cotidiano. Este tipo de gênero recebe diversos nomes e alguns desses são classificações totalmente equivocadas, dada a semelhança entre eles.

O cartum se diferencia da charge pelo fato de abordar temas da realidade e principalmente políticos, uma vez que ele trata de temas cotidianos, no mais são bastante parecidos. De acordo com Teixeira:

O cartum focaliza uma realidade genérica, mais ligada ao cotidiano, busca retratar comportamentos humanos, suas fraquezas, hábitos e comportamentos, trata-se de uma

crítica de costumes. É neste ponto que charge e cartum acabam se diferenciando, porque, ao passo que o cartum visa uma realidade comum, a charge retrata uma realidade mais específica, presa a determinados fatos, geralmente políticos e de conhecimento público (TEIXEIRA, 2010, p. 95).

A tira cômica é um dos gêneros quadrinhos mais difundidos em nosso país e muitas vezes carregam apenas o nome de tiras ou ainda tirinhas, são comumente usadas em jornais e, como o próprio nome já diz, são carregadas de humor. Ramos (2009, p. 24) define tiras como “um texto curto (dada à restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final”.

Já a charge é um gênero bastante crítico e aborda temas atuais, bem como políticos, no sentido de ironizar e criar humor a partir de situações reais, para isso se utiliza de diversos recursos, tantos verbais como não verbais, para fazer com que o seu leitor compreenda a situação exposta de maneira clara e objetiva.

Para Teixeira:

A charge engloba o verbal e o não-verbal como reforçadores na produção dos efeitos de sentido. Focalizando frequentemente a política, a charge pode apresentar-se em um único quadro ou em mais cenas com escritas representando as falas dos personagens em balões ou até mesmo sem nenhuma representação da escrita, apenas a imagem falando por si mesma (TEIXEIRA, 2010, p. 96)

O autor coloca que a charge possui um caráter político de crítica à realidade, o que a diferencia dos demais gêneros presentes nos quadrinhos, pois ela usa a realidade como foco, mas não modifica os fatos, apenas os ironiza. “A charge é interpretada pelo leitor de maneira sintética e cômica, diferente de outros gêneros que lidam com a notícia, como jornais, artigos ou debates” (PESSOA, 2011, p. 4).

O fato de abordar temas da realidade, e principalmente políticos, diferencia a charge do cartum, uma vez que ele trata de temas cotidianos. No mais, são bastante parecidos. De acordo com Teixeira:

O cartum focaliza uma realidade genérica, mais ligada ao cotidiano, busca retratar comportamentos humanos, suas fraquezas, hábitos e comportamentos, trata-se de uma crítica de costumes. É neste ponto que charge e cartum acabam se diferenciando, porque, ao passo que o cartum visa uma realidade comum, a charge retrata uma realidade mais específica, presa a determinados fatos, geralmente políticos e de conhecimento público (TEIXEIRA, 2010, p. 95).

Assim, o humor na charge traz personagens conhecidos popularmente e os satiriza, fazendo uma crítica aos fatores socioculturais. A crítica e o humor são elementos fundamentais dentro do gênero charge, pois através deles o autor pode fazer uma reflexão que irá despertar no leitor algo que antes ele não sabia.

O meme apresenta características da charge, do cartum e das tirinhas, pois tem a crítica e o humor como características principais e faz o leitor refletir sobre os acontecimentos sociais a sua volta, desta forma ajuda na formação de alunos mais críticos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, é relevada a importância e necessidade de tornarmos nossos mais críticos em relação a fatos sociais dos quais eles fazem parte:

Espera-se que os alunos sejam capazes de posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando a língua e o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas [...] questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (BRASIL, 1998, p.7)

Meme é um termo grego que significa imitação. Ele é bastante conhecido e utilizado na internet, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase ou ideia que se espalhe entre vários usuários, rapidamente, alcançando muita popularidade. A ideia de meme pode ser resumida por tudo aquilo que é copiado ou imitado e que se espalha com rapidez entre as pessoas. Como a internet tem a capacidade de atingir milhões de pessoas em alguns instantes, os memes de internet podem também ser considerados como informações “virais”.

O termo meme foi criado pelo biólogo evolucionista Dawkins (2001) para estabelecer uma analogia com o termo *gene*, unidade fundamental da hereditariedade. O meme é relacionado às noções de genismo, que entende os seres vivos como “máquinas perpetuadoras de genes”. Para Dawkins, a espécie humana não se desenvolve somente a partir da genética, mas também das transformações culturais e do desenvolvimento das sociedades ao longo dos tempos. Então o meme é o “gene da cultura”.

O meme se assemelha à charge tanto pelo humor quanto pela crítica, pois faz uso de imagem de pessoas, seja de forma caricaturada ou não, mas não se restringe a fatos políticos. Ele assemelha-se ao cartum, por seu teor crítico, seja de costumes ou de realidades genéricas, ou por tratar de fatos de conhecimento público.

Já não é de hoje que a Internet faz parte do cotidiano dos indivíduos e também constitui práticas sociais relacionadas a esses cidadãos, no entanto, percebe-se que a virada do século foi por demais produtiva com o advento de novas engenharias que possibilitaram o acesso à rede de grande parte da população. No Brasil, isso também aconteceu, porém em escala menos eficiente, uma vez que a diversidade regional e as dificuldades espaciais influem diretamente na construção de mecanismos que popularizam esses novos meios de comunicação. Por meio dos tempos, viu-se um propagar de diversas mídias sociais aparecendo, ressurgindo, ressignificando-se. Um exemplo bastante discutido na área acadêmica são os blogs, que fizeram parte da instrumentalização de diversas discussões no ambiente escolar. Muito ainda se discute sobre este ainda, sobre sua relevância, modo de articulação social à vida dos alunado, acerca dos gêneros que iriam ser trabalhados. E, nesse ponto, ainda surge a dúvida sobre a sua catalogação como gênero ou suporte de outros gêneros, o que naturalmente, acontece hoje com outras mídias sociais, como Facebook, Myspace, Orkut, ou ainda, nas escolas, o livro didático.

Hoje há uma infinidade de gêneros participando da ação social dos indivíduos, seguindo mais ou menos um ciclo: um gênero bastante usual, que posteriormente ainda se reconstrói, ativando novas características, novos aplicativos, atualizando-se, aprimorando-se e ainda sendo suporte diversos outros gêneros também relevantes. É isso que se verifica entre os anos de 2004 e 2010, com o avanço e o declínio do Orkut. Um gênero que estrutura outros gêneros, portanto, um suporte ou um macrogênero, como também irão classificar. O Orkut, por exemplo, sistematiza o acúmulo de fotos, depoimentos, comentários, recados para os amigos, comunidades que sintetizam gostos dos indivíduos, construindo-se, sobretudo em uma realidade imagética, multimodal, multissistêmica. Posteriormente, o próprio Orkut cresceu a tal proporcionalidade que suportou diversos aplicativos que se tornaram também famosos, virando febre no discurso de uma sociedade pós-moderna.

Para a presente pesquisa, o foco da reflexão recai na utilização de um gênero que se massificou nos últimos dois anos, mas que, nem por isso, só surgiu a partir de si mesmo: atentarei, portanto, para a conceituação do gênero meme. Neste sentido, o que vem a ser meme? Uma pergunta interessante. O nome “meme” surgiu em 1976 com a publicação do livro “O Gene Egoísta”, do autor Richard Dawkins. Naquele ano, este estudioso, amparado na teoria darwiniana da evolução natural, criou um pressuposto teórico da memética. Para o autor, “meme” é um par análogo ao “gene”, termo cunhado no início do século XIX no surto cientificista. Enquanto um gene é uma representação biológica, natural e componente orgânico do ser humano, um meme seria o seu correspondente puramente cultural, em voga, social.

Além disso, é relevante também recuperarmos que a nominalização “meme” se baseia na pressuposição aristotélica ou platônica da representação imitativa a que se supõe no tratado da Poética. Aristóteles, inicialmente, defende que a arte tem uma função puramente mimética, ou seja, imitativa da realidade humana. Hoje, seria uma espécie de representação para não nos articularmos com o traço pejorativo que “imitar” gera no português brasileiro.

A teoria memética se fundamentaria na ideia de evolução cultural, transformação e reconstituição de sociedades. Para Dawkins, a sociedade passa por mudanças significativas e várias dessas mudanças constituem aspectos que vão construir e reconstruir traços culturais da sociedade vigente. No portal Wikipédia, estão as seguintes informações:

Os memes dão-se em um amplo campo de variação, replicam-se a si mesmos por mecanismos de imitação e transmissão de cérebro a cérebro, e geram um amplo leque de cópias que subsistem nos meios mais diversos.

Assim sendo, temos o marco geral de um processo evolutivo que Dawkins compara com a evolução biológica, e prega que os memes devem ser considerados como estruturas viventes não somente metaforicamente, mas também tecnicamente. Os memes alternativos, que podem servir para efetuar a mesma função, são chamados alomemes ou memes homólogos. Por sua vez, os memes podem agrupar-se formando macromemes, que constituem um sistema de muitos memes estruturados e inter-relacionados que formam um objeto cultural complexo, tal como uma língua, uma teoria, uma mitologia. Em geral, a maior parte das construções que sustentam a teoria da evolução das espécies, são aplicadas pelos defensores das teses de Dawkins à teoria dos memes. (Disponível em <<http://pedrodemo.sites.uol.com.br/textos/tics.html>> Acessada em dez. 2015)

Os alunos, em contato com os memes, podem obter informações que os levem (ou não) a gostar de ler, por ser uma leitura lúdica, rápida e de fácil entendimento, mas que carrega consigo inúmeras informações e conhecimentos que ajudam na formação dos alunos em bons leitores e cidadãos ativos criticamente. Este gênero faz com que os alunos repensem as atitudes sociais e políticas do seu país e possam ter uma interpretação mais crítica e ativa no processo de leitura e interpretação de textos propostos em sala de aula.

A leitura é de extrema importância para a aquisição de novos conhecimentos: para algumas ocasiões, ela pode assumir caráter prazeroso para os alunos.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. LEITURA E COMPETÊNCIA LEITORA

O ato de ler não é uma habilidade inata, portanto, precisa ser ensinado, ou como afirmam Barbosa (1990), Adler e Doresn (1990) e Martins (1998), o indivíduo pode ser conduzido para realizar essa ação a qual, quando ocorre, é de sua inteira responsabilidade.
(Neves, 2001)

O currículo escolar precisa investir de forma efetiva na leitura dos educandos, a fim de que eles possam ter experiências com várias situações de leitura relacionadas ao contexto sociocultural. Partindo desse princípio acreditamos que assim os educandos estarão sendo estimulados para a leitura de gêneros textuais diferentes. Essa leitura criará possibilidades de associar o mundo lido ao mundo vivido, contribuindo para que lendo passem a refletir, criticar e avaliar a realidade a qual estão inseridos e partam para outras leituras. Esta visão retrata o raciocínio de Cereja (2009) já que para o autor: a competência leitora não é uma simples competência, ela é, na verdade, uma arquivcompetência, pois perpassa o conjunto das operações cognitivas em todas as áreas. Dessa forma, a tarefa de ensinar leitura não é algo exclusivo do professor de língua portuguesa. A respeito disso citamos Kleiman (1989) que afirma ser a leitura um ato social, que acontece entre dois sujeitos: o leitor e o autor e estes vão interagir entre si sem esquecer das necessidades e dos objetivos determinados socialmente. Afirmamos ainda que para Kleiman o processo de leitura envolve a interação entre leitor, texto e autor. Dessa forma ler envolve um processo, um conjunto de práticas socioculturais que visem à promoção de mudanças sociais.

A formação de um leitor competente, diz respeito ao envolvimento do aluno no processo de construir sentidos, tornando-o um leitor ativo e interativo, que compreende aquilo que lê. Para a concretização desse leitor competente é necessário que as práticas de leitura sejam efetivadas desde as primeiras etapas escolares, visando ao desenvolvimento de competências que permitam compreender que todo texto tem um autor e, por isso mesmo, há a manifestação de um ponto de vista, a partir de um determinado contexto histórico e concreto. Por isso, partimos do pressuposto de que no contexto escolar, um passo importante para o desenvolvimento da competência leitora, seria o de promover práticas de leitura significativas

e não simplesmente tarefas puramente escolares, nas quais, muitas vezes, cobra-se apenas a obrigatoriedade da leitura.

O processo de ler no contexto escolar precisa tornar-se uma prática social, ou seja, uma prática que prepare o aluno a enfrentar a vida, a se constituir como cidadão, que lê além da escola. Entendemos assim que, a leitura é uma competência necessária e valiosa para a apropriação de informações e conhecimentos do mundo exterior e do autoconhecimento.

Convém salientar que em todo e qualquer trabalho com leitura é necessário que se leve em conta alguns pressupostos básicos para que esse processo seja realizado de maneira competente, uma vez que nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que se encontrem motivos para ela, quer dizer, sem que esteja claro o seu sentido. O aluno precisa saber o que deve fazer, conhecer os objetivos que se deseja alcançar. Vale lembrar também que os objetivos dos leitores em relação aos textos podem ser variados e estão relacionados com a diversidade de textos a que tiverem acesso.

Sabemos que os objetivos de leitura criam expectativas e previsões sobre o texto, por isso, segundo Koch (2006), eles é que definem não só a procura do texto a ser lido, mas também os procedimentos de leitura, a intenção com que lemos um texto e a compreensão do mesmo.

Considerar os objetivos de leitura dos alunos implica, em ajudá-los primeiro a desenvolver o gosto pela leitura, e que depois eles sintam a necessidade de ler, para finalmente, serem leitores competentes. Assim, compreendemos que os objetivos do leitor nortearão o modo de leitura, considerando mais ou menos tempo; mais ou menos atenção e maior ou menor interação.

Sobre os objetivos da leitura, Kleiman (1997) afirma que nenhuma prática de leitura deveria acontecer desconsiderando os motivos e objetivos dessa ou daquela leitura, eles são variados e relacionam-se com diferentes gêneros textuais. Através dos objetivos do leitor serão selecionados os textos e, para isso, seria conveniente criar situações de leitura que estabeleçam a motivação ou a preparação para a leitura.

Para Solé (1998), os objetivos dos leitores com relação a um texto podem ser muito variados, para a autora alguns objetivos deveriam orientar a leitura em sala de aula, dentre eles estão:

Ler para obter informação precisa – é a leitura que realizamos quando pretendemos localizar algum dado que nos interessa.
Ler para obter informação precisa – é a leitura que realizamos quando pretendemos localizar algum dado que nos interessa.

Ler para seguir instruções – neste tipo de tarefa, a leitura é um meio que deve nos permitir fazer algo concreto: ler as instruções de um jogo, as regras de uso de um determinado aparelho, a receita de uma torta. Ler para aprender – é quando a finalidade consiste de forma explícita em ampliar os conhecimentos de que dispomos a partir da leitura de um texto.

Ler para revisar um escrito próprio – quando lê o que escreveu, o autor/ revisor revisa a adequação do texto que elaborou para transmitir o significado que o levou a escrevê-lo; determinado orientações para participar de uma oficina de experiências.

Ler por prazer – neste caso o leitor poderá reler um parágrafo ou mesmo um livro inteiro tantas vezes quantas for necessário; poderá saltar capítulos e voltar a eles mais tarde; o que importa, quando se trata deste objetivo, é a experiência emocional desencadeada pela leitura.

Ler para comunicar um texto a um auditório – este tipo de leitura é própria de grupos de atividades restritos (ler um discurso, um sermão, uma conferência, uma aula magistral; ler poesia em uma apresentação) (SOLÉ, 1998, p. 68).

É sempre bom lembrar que é preciso ler com algum propósito e que o desenvolvimento da atividade de leitura deve ser relacionado a algum propósito. Para a autora, no caso de ler por ler, não é adequado ficar fazendo depois perguntas sobre o que se leu. Se for preciso, depois resumir o que leu, será bom que os alunos o saibam, porque lerão de forma diferente. É preciso levar em conta também que o propósito de ensinar os alunos a ler com diferentes objetivos é que, com o tempo, eles mesmos sejam capazes de colocar objetivos de leitura que lhes interessem e que sejam adequados.

Tudo que pode ser feito antes da leitura tem a finalidade de:

- Suscitar a necessidade de ler, ajudando o aluno a descobrir as diversas utilidades da leitura em situações que promovam sua aprendizagem significativa. Proporcionar-lhe os recursos necessários para que possa enfrentar com segurança, confiança e interesse a atividade de leitura.
- Transformar o aluno em todos os momentos em leitor ativo, isto é, em alguém que sabe por que lê e que assume sua responsabilidade ante a leitura (SOLÉ, 1998, p.72).

Não podemos deixar de enfatizar que o principal objetivo do ensino de Língua Portuguesa, de acordo com os PCN, é o domínio do uso da linguagem. E, a leitura é um uso da linguagem. Aí está o ensino da leitura e o desenvolvimento da competência leitora. Ainda segundo os PCN, é exatamente nas séries iniciais e no ensino fundamental que se conquista a formação do leitor. Diante disso a escola precisa formar um leitor competente. Dessa forma afirmamos que se faz necessário contemplar a diversidade de textos e gêneros, não apenas em função da relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas e requerem diferentes maneiras de ler. (BRASIL, 1998, 23).

Para Solé (1998), a leitura deve compreender três momentos: o antes, o durante e o depois, conforme a seguir:

A - Na pré-leitura, é feita uma análise global do texto (do título, dos tópicos e das figuras/gráficos), predições e também o uso do conhecimento prévio.

B - Durante a leitura é feita uma compreensão da mensagem passada pelo texto, uma seleção das informações relevantes, uma relação entre as informações apresentadas no texto e uma análise das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las ou refutá-las.

C - Depois da leitura é proposta uma análise com o objetivo de rever e refletir sobre o conteúdo lido, ou seja, o sentido da leitura, a verificação de diferentes perspectivas apresentadas para o tema.

1.2.LETRAMENTO DIGITAL E GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS

Os novos meios digitais abrem outras possibilidades para a educação, implicam desafios para o trabalho docente, com sua matéria e seus instrumentos, abrangendo o redimensionamento do ensino como um todo: da sua dimensão epistemológica aos procedimentos mais específicos, passando pelos modos de objetivação dos conteúdos, pelas questões metodológicas e pelas propostas de avaliação.
(BARRETO, 2004, p.23).

Letramento, para Soares (1998),

É uma palavra recém-chegada ao vocabulário da educação e das ciências linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, **há cerca de apenas dez anos**, portanto, que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas. Uma das primeiras ocorrências [sobre letramento] está em livro de Kato, de 1986 (*apud* SOARES (1998, p. 15).

Para a autora, faz quase três décadas que o termo letramento começou ser discutido entre educadores, professores e estudiosos. Quando vamos buscar na literatura o que esses profissionais escreveram a respeito do surgimento e da consolidação do conceito de letramento, tudo nos leva a crer que as diferenças e as aproximações entre o entendimento de termos como: alfabetização, alfabetizado, analfabeto e a contestação por parte de alguns estudiosos de que letramento deve ser distinguindo, por exemplo, de alfabetização, encontramos uma das razões pela qual o letramento entrou de vez como uma grande área de estudo da educação e das ciências linguísticas.

Nesse sentido, Soares (1998) faz referência à Kleiman, apontando que o termo letramento, “em 1995, já figura em título de livro organizado por Kleiman” (p. 15). Esta última argumenta que o conceito de letramento “começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita e dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita (2008, p. 15)”. No entanto, de lá para cá, apesar de haver muita literatura escrita no meio acadêmico (livros, teses, dissertações e artigos) a respeito de letramento, pesquisas revelam que nem sempre a conceituação de letramento vem sendo compreendido e aplicado com clareza pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Alguns deles pensam que o letramento é um método didático que veio substituir a alfabetização, outros consideram que alfabetização e letramento são processos iguais, outros ainda possuem dúvidas sobre como promover uma proposta voltada para o letramento. Essas dúvidas nos parecem decorrentes da falta de esclarecimento teórico sobre a temática a partir dos aportes teóricos (GRANDO, 2002, p. 2).

Como salienta Soares (1998), “se a palavra *letramento* ainda causa estranheza a muitos, outras palavras do mesmo campo semântico sempre nos foram familiares: *analfabetismo, analfabeto, alfabetizar, alfabetização, alfabetizado* e, mesmo, *letrado* e *iletrado*” (p. 16, grifo do autor). Mas, o que de fato é letramento? no dicionário Houaiss, consta que letramento é a “incorporação funcional das capacidades a que conduz o aprender a ler e escrever”. Desse modo, letramento está ligado aos usos, às práticas de leitura e de escrita. No entanto, parece que o termo envolve outras questões, como, por exemplo, é considerado letrado o indivíduo ou grupo que desenvolve além das habilidades de ler e escrever, a habilidade também de utilizar a escrita na sociedade.

Tais ideias deixam evidente que não devemos apropriar erroneamente do entendimento de letramento, muitas vezes, confundido com o termo alfabetizar. Como salienta Soares (1998) alfabetizar não assegura a formação de indivíduos letrados. O que assegura o letramento de um indivíduo, ou seja, um letrado é a capacidade dele vivenciar situações onde a escrita e a leitura estejam presentes, além disso, ele tem que se inserir em um mundo letrado. Estas parecem ser as condições de entendimento conceitual para apontarmos se alguém é letrado ou não.

Mas, o que dizem os estudiosos, o que é letramento? Para Soares (1998, p. 18) "letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado

da escrita". O letramento também é compreendido como um fenômeno mais amplo e que ultrapassa as fronteiras da escola, ele é compreendido "como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos" (KLEIMAN, 2008, p. 18).

Nessa perspectiva, a autora enfatiza sua perspectiva, afirmando que:

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social, segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática - de fato, dominante - que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 2008, p. 19).

A estudiosa está se referindo à escola, que a partir da perspectiva do letramento, apenas enfatiza algumas das práticas ligadas à escrita e ao uso da escrita. Isto, faz perceber que fora da escola acontecem outras apropriações e práticas ligadas à escrita que vão sendo vivenciados por todos. Nesse sentido, o "fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita" (Kleiman, 2008, p. 20).

Portanto, diante de tudo que já abordamos sobre letramento, podemos chegar a conclusão de que letramento, pode ser compreendido como sendo um conjunto que possui práticas e objetivos específicos, estes em contextos específicos que envolvam a escrita. Nesse viés, a escola, seria apenas um ambiente e agência de letramento, dentre tantos outros e, realizaria apenas algumas práticas de letramento.

1.2.1. Letramento digital

Muitas práticas sociais de leitura e de escrita podem ser propiciadas pelos diversos meios tecnológicos, os *smartphones*, ou seja, meios de comunicação que segundo Fernandes e Paula (2008, p. 21) são "cercados por palavras, textos, imagens e por tantos outros conjuntos de signos. Assim é que se caracteriza uma sociedade letrada".

Para entrarmos mais profundamente no conceito de letramento digital é fundamental atualmente destacar a relevância da compreensão dos diversos modos de inserção e uso da escrita nas sociedades letradas contemporâneas, além disso, é necessário destacar também os processos históricos da linguagem que vêm determinando os diferentes tipos de gêneros discursivos, orais e escritos. Estes novos gêneros são incluídos nos novos recursos tecnológicos, ou seja, novas mídias digitais.

Nesse contexto, temos a ideia que é preciso reconhecer o letramento digital não apenas como práticas de leitura e escrita, mas que estas práticas aconteçam a partir das possibilidades da língua escrita ter contato com os ambientes digitais. Por essa razão, fazendo uma correlação do conceito de letramento a partir de Soares (1998, 2002) e Kleiman (2008), podemos deduzir que uma primeira ideia de letramento digital pode ser compreendida como algo que designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos e/ou grupos sociais letrados digitalmente.

Nesse sentido, podemos dizer que as tecnologias de escrita das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição. De acordo com essa lógica, para Xavier (2005), o letramento digital é importante. É importante "por considerar a necessidade dos indivíduos em dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais, [...], cercado cada vez mais por máquinas eletrônicas e digitais". (p. 133). Certa vez, em entrevista, a professora Beatriz Cardoso¹ foi questionada sobre, *como os novos recursos tecnológicos poderiam contribuir para o letramento na sociedade?* Ela foi categórica:

A tecnologia é um meio que favorece a disseminação da língua escrita na sociedade, porque quebra barreiras de acesso; dessa forma preenche o mundo cotidiano com textos. Isso é positivo, mas ao mesmo tempo apresenta grandes desafios, pois a tecnologia, em si, não apresenta respostas ao processo de letramento. Não há uma solução mágica. A tecnologia amplifica a necessidade de formar sujeitos mais preparados para tomar decisões e selecionar os conteúdos (XAVIER, 2005, p.133).

As ideias de Xavier (2005) e de Cardoso (2015) acrescentam ao conceito de letramento digital o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita em ambientes digitais, possuem habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e de competência em situações que as práticas de leitura e/ou de escrita são necessárias, fazendo com que eles, os outros e o ambiente que os cercam criem “formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada”, (SOARES, 2002, p.146).

A nova modalidade de letramento (letramento digital) também implica a realização de práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização que costumamos ver. Por isso, que o letramento digital é visto também como prática cultural

¹ Cardoso é doutora em educação pela Universidade de São Paulo (USP) e Fellow no Programa Advanced Leadership Initiative na Universidade de Harvard 2013, é diretora executiva do Laboratório de Educação, lançado em 2010, e coordena o recém-criado blog Toda Criança Pode Aprender, que prioriza a questão da aprendizagem no contexto educacional brasileiro.

(social também), haja vista, que através de suas formas de interação se dá a condição de aproveitamento de vantagens e outros recursos, com o objetivo que o indivíduo possa "participar efetivamente e decidir, como cidadão do seu tempo, os destinos da comunidade à qual pertence e as tradições, hábitos e costumes com os quais se identifica", (XAVIER, 2005, p.134).

Em outras palavras, o letramento digital possibilita que os indivíduos enxerguem além das fronteiras dos limites dos códigos textuais. Obviamente, se um indivíduo ou grupo carrega em si a condição de serem letrados digitalmente, por essa condição eles podem reconhecer e relacionar facilmente textos falados ou escritos e, desse modo, eles também podem criar inferências. Certamente, chegamos a tal conclusão, a partir do reconhecimento das potencialidades dos recursos tecnológicos de que tanto falamos no início deste capítulo. Assim, relacionando a importância do processo de letramento aliado às novas mídias digitais, podemos dizer que os letrados digitais ao se colocarem frente às possibilidades geradas pelas inovações tecnológicas, por exemplo, dos *smartphones* vivem indubitavelmente uma experiência transformadora.

Nesse sentido, Chartier (1994 *apud* Soares (2002, p. 152) considera que um texto exibido em uma *tela* revoluciona o espaço da escrita, conseqüentemente, altera de forma fundamental a relação do leitor com o texto, as maneiras de ler e os processos cognitivos:

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais. (SOARES, 2002, p. 100).

Segundo Soares (2002), “a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento” (p. 152).

1.2.2. Multimodalidade

Diante de inúmeras facilidades devido ao avanço da tecnologia, as informações são recebidas veiculadas pelos diferentes meios de comunicação os quais se utilizam de linguagens diversas no processo textual. É necessário atribuir sentidos a textos constituídos por palavras,

imagens, cores, gestos além de outros que se interligam na construção do texto. É neste contexto que se situa esse trabalho, já que diante dos variados tipos de textos, com suas características peculiares, a nossa forma de ler os textos circulados socialmente deve ser repensada, daí surge a necessidade de uma leitura multimodal.

Apesar dos textos multimodais, atualmente, estarem presentes em todo lugar, sejam em outdoors, na TV, na internet, nos jornais e não raro, em livros didáticos, o trabalho pedagógico com estes textos, no ambiente escolar ainda é incipiente, uma vez que as estratégias de leitura contemplam o conceito tradicional de texto linear e a imagem figura apenas como suporte ilustrativo do texto escrito sendo aceita de forma natural, como a representação simples da realidade sem interpretações e/ou questionamentos

O nosso aluno já não se contenta apenas com a composição textual tradicional. A presença de múltiplas linguagens é algo marcante, destacando-se, em especial, as utilizadas a partir das inovações tecnológicas. Hoje praticamente se tornou impossível ler textos observando apenas a mensagem escrita. Neles encontra-se facilmente, além da linguagem verbal, uma linguagem visual que tem influenciado e modificado tanto os modos de leitura quanto os de escrita, o que tem constituído novos desafios à prática docente.

Com as transformações sociais ocorridas nos últimos anos, em especial, referente às práticas comunicativas, sejam elas de forma escrita, oral ou visual, a multimodalidade passou a ser alvo de muitos estudos. Conceituada por muitos como a presença das múltiplas formas da linguagem, a multimodalidade tem sido investigada enquanto recurso construtor de sentido, uma vez que é através de seus elementos, sejam eles verbais ou imagéticos, que se constrói o todo textual.

Os textos multimodais, embora estejam presentes nas diferentes práticas sociais, ainda não recebem a devida atenção no contexto escolar. Os alunos não são trabalhados para ler imagens, o que acaba criando iletrados visuais. Com isso ser um leitor/escritor proficiente significa não só saber codificar/decodificar aspectos linguísticos do texto verbal (estruturas internas) e saber lidar com todas as características do contexto de produção e recepção dos textos, mas também saber interpretar todos os modos semióticos presentes no texto, e a escola não pode ignorar que a multimodalidade faz parte do cotidiano do aluno. É necessário, portanto, uma prática didático-pedagógica que estimule a produção e interpretação de textos multimodais.

Dessa forma, nas interações comunicativas atuais, é comum o uso integrado entre textos, imagem e áudio, independentemente se ocorrem nas relações pessoais ou profissionais.

Por isso não é mais possível ler um texto prestando atenção apenas na escrita, pois há uma série de representações nessa composição. A multimodalidade, nessas práticas, se evidencia cada vez mais já que apresenta uma união entre recursos semióticos que são utilizados a partir das necessidades textuais ou funcionais, além de alargar, inclusive, os espaços de circulação.

Fazer uso dos textos multimodais na prática docente é, além de muitas outras possibilidades, construir conhecimentos acerca da linguagem multimodal vigente, modificando muitas vezes as formas de pensar, suas atitudes e seus valores, acrescentando lhes reformulações estruturais e cognitivas, levando o leitor a ser mais ativo, e crítico.

Para que isso aconteça de fato precisamos nos empenhar muito, uma vez que temos várias dificuldades quando se pensa em trabalhar os textos multimodais, no entanto não se pode deixar que esses problemas sejam maiores do que a vontade de se fazer um trabalho diferenciado. Diante disso, o professor moderno não pode ser simplesmente aquele que domina todo o conteúdo de sua área de formação nem ficar se lamentando pelo que não deu ou pode não dar certo. Ele precisa também se apropriar das habilidades digitais que aí se encontram para avançar nas práticas em sala de aula para a promoção de novas aprendizagens, em especial, na perspectiva de múltiplas linguagens. Ou seja, se a aprendizagem se dá a partir das interações sociais, com a tecnologia tora-se possível construir práticas que fomentam a pesquisa e mediam conhecimento.

1.2.3. As novas exigências da escola e as tecnologias na vida escolar

Aqui chegamos ao ponto máximo de nossa discussão: que sugestões seriam dadas para que a escola pudesse reconhecer em práticas sociais e cotidianas dos alunos habilidades e competências usando o gênero “meme”. Segundo a seção anterior, percebe-se que “memes” são atitudes, falas, padrões de comportamentos, que passam por um contínuo de surgimento, compreensão e reprodução. Consoante o pensamento de Resende (2006, p. 42),

meme é tudo o que se aprende por cópia a partir de uma outra pessoa. Desde coisas simples, como comer usando talheres, até ações mais complexas, como escrever textos excelentes em blogs. Resumindo ao máximo, alguém faz, você vê, gosta e copia. Outras pessoas vão ver você fazendo, também gostarão e copiarão. Desta maneira, a evolução de um meme é quase sempre viral e exponencial.

São enormes as exigências que se fazem à escola devido a presença das novas mídias digitais na vida escolar, justamente, por conta não só dos seus discentes que cada vez mais estão inseridos no contexto tecnológico global, mas também pela defesa que muitos educadores fazem das tecnologias digitais, dos efeitos das tecnologias digitais na vida social,

cultural das pessoas, bem como do impacto e das alterações que surgem no âmbito escolar por conta destas tecnologias.

Nessa perspectiva, Alexandre Pereira professor doutor da Universidade de São Paulo (UNIFESP) diz o seguinte:

A cena é cada vez mais comum nas mais diferentes modalidades e instituições de ensino: o professor escreve na lousa a lição que deveria ser copiada por seus estudantes, que, em vez disso, preferem fotografar a lousa. Aplicam, assim, as inovações tecnológicas a seu favor para tentar minimizar o monótono esforço de copiar a lição e, desse modo, ganhar mais tempo livre para poder conversar, paquerar, zoar ou mesmo explorar algumas das múltiplas funções de seus *smartphones*. Cenas como essas revelam uma série de transformações que afetam direta ou indiretamente o cotidiano escolar [...].

Por conta dessas possíveis transformações, Perrenoud (2000), ao se referir às declarações de Mendelsohn², falou que “a escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Ora, as tecnologias digitais transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar” (p.125).

As declarações de Mendelsohn reforçam as ideias de Pereira e de Perrenoud:

- As crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos;
- Se a escola ministra um ensino que aparentemente não é mais útil para o uso externo, corre um risco de desqualificação. Então, como vocês querem que as crianças tenham confiança nela? (PERRENOUD, 2000)

Para consolidar mais ainda o pensamento desses educadores, encontramos em Kenski (2001) outro entendimento bastante importante: desde que as tecnologias digitais começaram a se expandir pela sociedade, aconteceram muitas mudanças nas maneiras de ensinar e de aprender. Não restam dúvidas de que as tecnologias digitais são meios altamente contributivos para criar condições de modificar as formas de as pessoas se relacionarem, contribuírem, transmitirem e produzirem conhecimento.

Por esse viés, cremos que, de fato, por meio dessas tecnologias, é possível a construção de conhecimentos e é possível revolucionar a maneira de educar. Cada vez mais, somos surpreendidos por elas, pois a todo instante elas nos apresenta inovações e, conseqüentemente, estas devem ser mais uma vez incorporadas ao modo de vida humano e escolar também. É um ciclo que parece não ter fim, é um processo de realimentação tecnológica constante que adentra as escolas incorporado aos modos de os discentes verem e

²Patrick Mendelsohn é responsável pela unidade das tecnologias da formação na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

experimentarem o mundo na contemporaneidade. No entanto, precisamos ressaltar que essas tecnologias ou as novas mídias digitais inseridas no contexto escolar tanto pelos discentes quanto pela escola não garantem um processo pedagógico mais rico e desafiador. Tudo dependerá de como os professores se apropriarão e farão uso delas no processo de ensino e aprendizagem.

Para Silva (2006), em meio à diversidade de gêneros produzidos e sustentados em ambientes digitais, fica evidente a necessidade de se trabalhar com este material linguístico, tecnológico e evidentemente social. Por exemplo, Silva percebeu, entre os anos 2000, uma incidência de tirinhas, histórias em quadrinho, piadas colocadas em provas de língua portuguesa. Era natural articular conhecimento de língua, adequação contextual, níveis de linguagem, entre outros aspectos. Ainda segundo Silva (2006), isso era a influência dos PCNs nos modos de avaliação das escolas e dos exames vestibulares. Hoje também continuamos a ver essa prática de forma contundente e sistemática. No entanto, o que proponho aqui não é a omissão desses gêneros, mas sim também o questionamento sobre um gênero advindo dos Estados Unidos, nos finais dos anos de 2008, com a explosão de sítios eletrônicos de compartilhamento de vídeos e imagens, a produção de “memes”, que provavelmente farão com que se promova uma reflexão sobre a imagem, a construção linguística, o conhecimento prévio, entre outros aspectos que são relevantes ao conhecimento do aluno e sua consciência crítica sobre o uso das linguagens.

1.2.4. As tecnologias no ensino de Língua Portuguesa para o letramento

Mais do que nunca, as crianças já nascem imersas numa cultura em que as inovações tecnológicas que parte das tecnologias digitais são constantes e, portanto, estão presentes na sociedade e na vida de todos, por outro lado, em alguns lugares essas conquistas ainda não são tão acessíveis assim por parte da escola, por parte do governo que precisa estabelecer políticas públicas mais efetivas para esse fim.

Infelizmente, o meio escolar é desse modo, ou seja, muitas escolas ainda não estão antenadas com o acesso às novas mídias digitais, sobretudo o computador e a internet. Tal situação, é bastante incômoda para professores e alunos, haja vista, que a escola é importante espaço de interlocução entre esses recursos tecnológicos e à aprendizagem de suas linguagens específicas que surgem por meio delas. Trata-se do letramento digital, gêneros textuais digitais, da linguagem multimodal ou, simplesmente, construção de textos multimodais pelos discentes. Tudo isso, embalados do ritmo das novas mídias digitais.

Estas tecnologias “não apenas produzem outras formas de conhecimento, como também proporcionam diferentes modos de pensar, com as quais organizar o pensamento. Portanto, falamos de novas formas de letramento e de gêneros textuais” (PEREIRA, 2000, p. 2). Essas novas formas de letramento e de gêneros textuais surgem porque as tecnologias digitais criam situações que favorece a disseminação da língua escrita na sociedade, isso porque, elas quebram barreiras de acesso; dessa forma preenche o mundo cotidiano com textos. Isso é positivo, mas ao mesmo tempo apresenta grandes desafios, pois de acordo com Pereira (2014) “a tecnologia, em si, não apresenta respostas ao processo de letramento. Não há uma solução mágica”. (p. 12). Em outras palavras, a tecnologia amplifica a necessidade de formar sujeitos mais preparados para tomar decisões e selecionar os conteúdos que são desenvolvidos pelos professores.

Por isso, é fundamental que os professores dominem o desenvolvimento de currículos e projetos pedagógicos voltados para os conteúdos de suas disciplinas em que as novas mídias digitais não sejam apenas ferramentas, mas recursos tecnológicos que ofereçam formas mais intuitivas, interativas e agradáveis de aprender e ensinar. Com o uso das novas mídias digitais na educação, por exemplo: uma simples aula de Língua Portuguesa utilizando algum recurso tecnológico pode deixar de ser tão formal, já que através do uso dessas mídias o professor pode explorar tanto o mundo real quanto o digital, que já está amplamente sintonizado com os discentes juvenis. Isto é fácil ser comprovado, basta observarmos a quantidade de alunos que utilizam o *smartphones* na sala de aula e o quanto é difícil para o professor não deixar que eles sejam atentados pelas inovações tecnológicas dessas mídias durante uma aula, principalmente, quando a aula se torna enfadonha e cansativa. É um pouco daquilo que o professor Alexandre Pereira já tinha nos revelado anteriormente ao falar da sua experiência de professor.

Por isso que muitos professores hoje em dia têm refletido sobre a possibilidade de incorporar essas novas tecnologias ao cotidiano escolar, a fim de obter conhecimento e mesmo de organizar as tarefas escolares e seus projetos pedagógicos.

No entanto, ressaltamos que pedagogicamente não é conveniente a todo instante o uso das tecnologias digitais em sala de aula através dos *smartphones*, por exemplo. Mas, em torno dessas tecnologias e do pensamento tecnológico contemporâneo, o professor pode e deve lançar mão de projetos pedagógicos que envolva a utilização dos *smartphones* nas aulas.

Pois, essas tecnologias estão presentes, cada vez mais, na vida humana. Isso porque, elas fazem parte de um novo *locus social* emergente onde já não faz mais sentido separar o

mundo real do virtual onde nós somos protagonistas. Por esse sentido, os recursos digitais advindos das inovações tecnológicas incorporadas em mídias desse tipo, podem ser também chamados de objetos de aprendizagem. É nesse viés, que consideramos os *smartphones* um recurso digital de aprendizagem, bem como tudo que pode ser produzido a partir deles, como, por exemplo, a leitura e/ou a competência leitora a partir dos *memes*, utilizando os *smartphones*.

Nessa perspectiva, os *smartphones* podem ser um excelente apoiador da prática educativa de professores que estão preocupados em motivar seus alunos para participarem, de forma efetiva, do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com o pensamento de Wiley (1999), um objeto de aprendizagem pode ser qualquer recurso digital que possa ser reutilizado para suporte ao ensino. Tais objetos podem ser mediadores, além de serem acessíveis a diversos ambientes e, também, reaproveitados em diferentes situações de uso no processo de ensino e aprendizagem.

É assim que enxergamos como devemos trabalhar em alguns momentos com a leitura e a competência leitora no processo de letramento. Nesse sentido, os memes produzidos e lidos, ou somente lidos, através dos smartphones, se apresentam como objeto de aprendizagem e ao mesmo tempo se apresentam como gênero digital meme.

2. METODOLOGIA E ANÁLISE DE RESULTADOS

O ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia. Ao longo dos séculos, vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas (Carlos Gil, 2009).

A metodologia adotada em nosso trabalho foi criada para atender responder a duas grandes *questões* de pesquisa:

- ✓ *Se as práticas de ensino de língua devem ser firmadas a partir de uma perspectiva de letramento, cidadania e inclusão social, não seria o estudo dos memes uma oportunidade para ilustrarmos um trabalho nesta perspectiva? Como os alunos se sentiriam ao verem os memes que eles trocam (em seus celulares) com os amigos, fora do contexto escolar, adentrar ao espaço da sala de aula, como objeto de estudo e reflexão?*
- ✓ *No estudo das multimodalidades textuais, cujo propósito de estudo também se firma no incentivo de trazermos os gêneros textuais orais ao espaço da sala de aula, estariam os professores preparados para atividades e avaliação também orais para o referido estudo? Oras, se inovarmos nossas propostas de trabalhos, mas não nossas práticas de avaliação, por exemplo, quais os acréscimos estariam adicionando aos nossos trabalhos?*
- ✓ *Por fim, se os memes são modalidades de textos, cujo efeito de interpretação é tão pontual (numa perspectiva de tempo, mesmo), qual o mérito de os analisarmos por escrito, na forma/ tradicional de práticas com predomínio da escrita? Por que os gêneros da conversação (como os memes) não devem ser abordados também na conversação?*

Pois bem. Para respondermos à macroquestão da pesquisa, optamos por abordar o estudo de memes em sala de aula sob duas abordagens distintas de reflexão: (i) as impressões de um grupo alunos (9º. ano) sobre a compreensão de memes, a partir de um roteiro dirigido e escrito, no gênero questionário, como costumam ser tradicionalmente trabalhados em sala; e

(ii) as impressões de um segundo grupo de alunos (EJAEF), também sobre compreensão e interpretação de memes, mas com base em argumentos orais e em interação de grupo. Ambas as escolas são da rede pública de ensino de Sergipe: a do ensino regular (9º. ano) é diurna, e a escola do EJAEF do período noturno.

Nossa *hipótese* de pesquisa é a de que a segunda etapa da pesquisa, a que se firma sobre a interação verbal oral, deve nos mostrar uma abordagem mais promissora do estudo de memes em sala de aula.

2.1. Primeira etapa da pesquisa: aplicação de questionário escrito

Na primeira etapa da pesquisa, trabalhamos com dez alunos do 9º. ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Sergipe. Reunimos um grupo de alunos em encontros opostos ao turno de estudo deles, no laboratório de informática. As atividades consistiram em análises e discussões orais e escritas fazendo uso do celular através do aplicativo WhatsApp. Para tanto, como a escola não dispõe de Wi-Fi, a professora levou um modem e o roteador. O próximo passo da nossa oficina foi um estudo do gênero da nossa pesquisa, destacando suas características, usos, temas e classificações.

Dando continuidade à nossa oficina apresentamos exemplos de memes que fazem crítica a determinado assunto ou acontecimento. Após essa familiaridade como gênero em questão, partimos para a parte de análise e releitura dos memes selecionados. Mas como o meme trabalha com temas atuais, para que o leitor compreenda o sentido total do texto é preciso que ele tenha um conhecimento de mundo sobre o fato abordado, pois se ele não o tiver, o texto não surtirá efeito e o leitor não irá compreendê-lo. Para que isso não aconteça fizemos algumas atividades assim divididas:

- atividade 1 - exposição do que é um meme, através de alguns selecionados pela professora e enviados previamente via um grupo de whatsapp criado para este fim.
- atividade 2 - identificação e seleção de memes humorísticos reconhecendo o seu humor e/ou acrescentando novos sentidos.
- atividade 3 - nesta atividade os alunos reuniram-se em grupo para selecionar memes que façam alguma crítica além de tentar sintetizar tal crítica .
- atividade 4 – foram apresentados memes para que os sujeitos os classificassem como uma crítica ou um caráter humorístico.

Os alunos selecionaram os memes e, com o auxílio de questionários, escreviam as suas concepções sobre os textos escolhidos.

A análise com esses sujeitos obedeceu a uma série de perguntas as quais os alunos deveriam responder via escrita levando em consideração o meme por ele escolhido e apresentado no datashow, conforme a seguir.

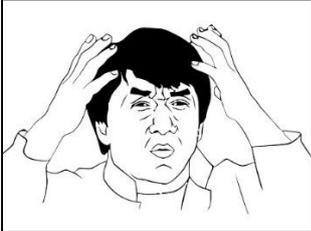
Foram apresentados os memes aos alunos e solicitado que analisassem o texto, considerando os aspectos verbais e não verbais de sua composição, a partir de um roteiro para a atividade de leitura, a saber, no Quadro 01:

Quadro 01: Sugestão de roteiro para a leitura dos memes

<i>O que chama a sua atenção neste texto?</i>
<i>O texto trata de que assunto?</i>
<i>O que a imagem representa?</i>
<i>A imagem relaciona-se com o texto?</i>
<i>O texto trata de algo do seu cotidiano?</i>

E os memes da avaliação escrita dos alunos estão relacionados Quadro 02, a seguir:

Quadro 02: Relação dos memes trabalhados no 9º. ano do EF

Meme 01	Meme 02	Meme 03 ^a
<p>Hoje eu acordei bem disposto...</p>  <p>...A fazer nada!</p>		<p>CARA QUE</p>  <p>EMOÇÃO</p>
Meme 04 ^a	Meme 05	
<p>Sou rico em vitamina C</p>  <p>Coca-Cola, Computador e Chocolate</p>		

2.1.1. Análise da avaliação escrita do meme 01

Figura 01: Meme 01



No primeiro momento, a reação dos alunos sobre o meme 01 foi de surpresa e houve até uma certa inquietação e riso dos mesmos. No entanto, com a mediação do professor, os questionamentos dos alunos passaram a ter um olhar mais direcionado para os elementos textuais. Em relação ao Quadro 01, que trata da sugestão de um roteiro de leitura para os memes, não houve muita dificuldade para as respostas: os estudantes conseguiram prontamente identificar os aspectos verbais e não verbais das micronarrativas. Para a maior parte da turma, (oito alunos), o que mais chama a atenção da tirinha de meme é a contradição no que está dito na primeira oração em relação à segunda, pois eles disseram que a segunda rompe com o que se espera da primeira: dois deles disseram que o que chama a atenção é a expressão facial da carinha, que parece zombar do leitor, além do contraste de cor. Quanto ao assunto, cem por cento afirmaram tratar-se da falta de coragem do ser humano, do desejo de não fazer nada, de aproveitar o dia para se dar ao direito de ficar à toa. Para oito desses alunos, a imagem representa o modelo das pessoas que, pela correria diária, desejam, mesmo, que não possam, por algum momento, livrar-se das suas tarefas e preocupações. Já dois deles disseram representar alguém preguiçoso, zombador. Sobre a relação texto e imagem, todos afirmaram não ter relação, pois, para eles, deveria vir a imagem de alguém cansado, acabado, deitado num sofá e com a expressão de fadiga. Para sete desses sujeitos, o texto trata do nosso cotidiano, já que retrata a necessidade que muitos têm em parar um pouco do estresse da longa jornada de trabalho e de estudo, pois, segundo os mesmos, o excesso de atividades escolares traz como consequência o cansaço e a falta de interesse. E 30% disseram não ver essa relação.

Os alunos conseguiram identificar que o texto trata de um problema social: a falta de tempo para se destinar ao descanso, devido ao acúmulo de funções e atividades diárias. Para o grupo em estudo, à primeira vista, o texto causa um certo humor e ao mesmo tempo uma crítica a essa falta de tempo ou de oportunidade.

- (01) “Esse meme vem nos mostrar que não somos máquinas e precisamos de um tempo para fazermos absolutamente nada vezes nada.” (V. V, 13 anos, feminino 9º A).
- (02) “O meme representa uma forma de dizermos o quanto estamos cheios de tarefas, principalmente na escola, porque os professores nos enchem de tarefas, nossos pais nos obrigam a ir para a escola e no fim de tudo não aprendemos porque é muita coisa pra gente.” (G.A, 14 anos, masculino. 9º A)

2.1.2. Análise da avaliação escrita do meme 02

Figura 02: Meme 02



Por ser apenas um texto não verbal, o meme 02 trouxe uma certa inquietação na turma: qual o porquê do choro e não é apenas um simples choro, mas sim um choro compulsivo. As interpretações para a possível tristeza do personagem foram analisados pelos sujeitos como sendo uma perda, pois para eles:

- (03) “Eu acredito que neste meme o choro seja por causa da morte de uma pessoa da família, o pai, a mãe ou um irmão porque ninguém vai chorar desse jeito se não for uma coisa muito grave.” A.C.S, 14 anos, 9º A)
- (04) “A imagem passa a ideia de alguém que perdeu o ano e não sabe como vai chegar em casa e avisar pros pais, daí ele está desesperado sem saber o que fazer, se fosse eu iria pedir ajuda pra minha vó. (J.S.S, 15 anos, masculino. 9º A)

2.1.3. Análise da avaliação escrita do meme 03A

Figura 03: Meme 03A



O meme 03A foi o mais criticado pelo grupo, pois, segundo a maioria, parece estar zombando do leitor, como se ele não entendesse nada de emoção. Segundo eles é uma emoção de tristeza, de medo, como se a vida não valesse à pena.

- (05) “Essa imagem vem mostrar que tem dia que estamos assim, sem ânimo, sozinho, depressivo e isso não é bom, não gosto de ver pessoas assim, a gente parece que se contamina com essa energia negativa, porque ficar do lado de um colega como esse só dá vontade de morrer, é bom ficar com gente alegre, pra cima.” (Y.M.G, 14 anos, feminino)
- (06) “A imagem mostra a solidão do jovem porque falta algo, porque a vida deve ser marcada por momentos bem difíceis para essa pessoa. A gente fica emocionado, mas é com coisa boa, só que aí deve ser uma emoção de alguma coisa muito negativa como ter sido abandonada pelo namorado e fica assim sozinho, triste e sem saída. (B.V. S, 14 anos, masculino.)

2.1.4. Análise da avaliação escrita do meme 04A

Figura 04: Meme 04A

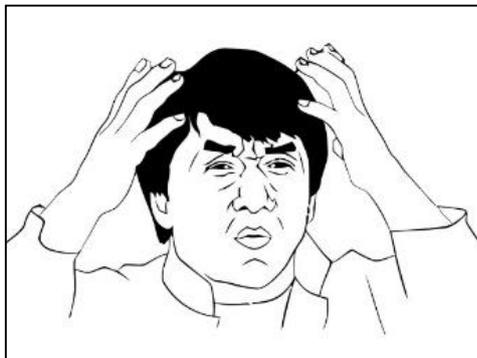


O meme 04 A traz consigo uma identidade com a vida dos adolescentes, já que foi unânime a conclusão a que os sujeitos tiveram, quando afirmaram ter os mesmos gostos, isto é, ser rico nos três itens apresentados no texto. Além disso, ficaram muito felizes com a quebra da expectativa gerada na segunda parte do texto.

- (07) “Eu concordo com o texto porque todos nós gostamos mesmo de tudo isso, principalmente do computador, ou do celular, não saberia viver sem o meu smart, também amo chocolate, mas como dá muita espinha devemos comer com moderação. O chato é que temos que fazer tudo isso escondido da nossa mãe porque ela só vai dar muita bronca” (E,M,G, 16 anos, masculino, 9º A)
- (08) “O meme vem nos dar um alerta porque ninguém pode ser rico dessas coisas, por isso devemos ter muito cuidado com os exageros porque podemos nos prejudicar quando ficarmos com quarenta anos. O engraçado nesse meme é a carinha do homem como se estivesse tirando onda da nossa cara.” (J.C.B, 15 anos, feminino, 9º A)

2.1.5. Análise da avaliação escrita do meme 05

Figura 05: Meme 05



O meme 05 representa o grande dilema do ser humano: a preocupação com a vida, a falta de condições para se viver bem.

- (09) “O que me assusta neste meme é a cara de desespero do homem que parece que vai morrer porque ele não sabe o que fazer. Ficamos assim quando parece que o problema não terá fim, acho que ele brigou com alguém ou não tem dinheiro para pagar as coisas porque com essa crise o brasileiro deve tá desse jeito, bem desesperado”. (S.R.C. 14 anos, masculino, 9º A)
- (10) “O texto vem nos mostrar que o homem vive num mundo cheio de problemas, falta tudo principalmente paz. Não gostei dele porque me lembra coisas ruins e eu penso na vida sempre pelo lado da paz, de uma chance para tudo. Acho que os adultos complicam tudo, pensam em ser ricos, ter grandes obras e no fim de tudo não tem paz, morrem e deixam tudo para os outros, Eu queria que todo mundo andasse com um sorriso nos olhos, na boca e principalmente no coração. Se as pessoas se preocupassem menos com as coisas materiais a vida seria mais bela.” (A.V.S, 14 anos, masculino, 9º A)

2.2. Etapa 2: avaliação oral (não dirigida) dos memes por alunos da EJAEF

Os alunos da EJAEF são do turno noturno: como os do nono ano, não se desgrudavam do celular.

Segue abaixo o Quadro 03, com as características dos sujeitos da EJAEF.

Quadro 03: Descrição social dos sujeitos

Sujeitos	Dados sociais	
P	Feminino, acima 26 anos, professora	F D P1
S1	Masculino, 19, mecânico, 4ª etapa	M B M EJAEF4
S2	Feminino, 16 anos, estudante, 4ª etapa	F A E EJAEF4
S3	Masculino, 18 anos, estudante, 4ª etapa	M B E EJAEF4
S4	Masculino, 21 anos, vigilante, 4ª etapa	M C V EJAEF4
S5	Feminino, 19 anos, recepcionista, 4ª etapa	F B R EJAEF4
S6	Feminino, 15 anos, estudante, 4ª etapa	F A E EJAEF4
S7	Masculino, 23 anos, porteiro, 4ª etapa	M C P1 EJAEF4
S8	Feminino, 16 anos, estudante, 4ª etapa	F A E EJAEF
S9	Feminino, 22 anos, confeitadeira, 4ª etapa	F C C EJAEF4
S10	Feminino, 19 anos, diarista, 4ª etapa	F B D EJAEF4
S11	Feminino, 22 anos, estudante, 4ª etapa	F C E EJAEF4
S12	Feminino, acima de 26 anos, faxineira, 4ª etapa	F D F1 EJAEF4

Os alunos foram reunidos no laboratório de informática para discutirem e analisarem os memes previamente selecionados. Toda a discussão foi gravada por um celular, para que a professora pudesse em um outro momento fazer a audição e análise das discussões.

Por se tratar de uma modalidade de ensino específica, a EJA vem atender a um público que por várias razões estão em desacordo série/idade, por essa razão esses alunos trazem consigo uma gama de dificuldades, sobretudo no quesito escrita e no trato com a norma culta, por outro lado estes mesmos alunos já vêm com um grande suporte de experiência que favorecem o ensino/aprendizagem, visto que o seu conhecimento prévio só tem a acrescentar quando o assunto é análise de situações de comunicação.

Os passos trilhados com esse grupo para a concretização da nossa pesquisa foram semelhantes aos dos alunos do nono ano de Ensino Fundamental, sendo que a turma da EJA dispunha do acesso à internet nos momentos em que nos encontramos, e isso facilitou o nosso trabalho, principalmente no momento da pesquisa, já que eles não precisariam de um comando da professora para passearem pelas redes sociais em busca dos memes e sua relação com a temática e o contexto no qual esses sujeitos estão inseridos.

Metodologia de análise

Nesta subseção, apresentamos os memes trabalhados (Quadro 04) e a metodologia de análise adotada.

Quadro 04: Relação dos memes trabalhados no EJAEF

<p>Meme 06</p> 	<p>Meme 03B</p> 	<p>Meme 04B</p> 
<p>Meme 07</p> 	<p>Meme 08</p> 	<p>Meme 09</p> 
<p>10</p>		
<p>Antigamente, você chegava na casa das pessoas e pedia um copo d'água. Hoje você pede a senha do Wi-Fi</p>		

Elaboramos uma metodologia de natureza mais didática para a análise, firmando três *pontos de observação* para cada uma das amostras em estudo. São eles:

(i) **Identidade com o tema**

Neste item, observamos se o aluno se identificava com a proposta do tema, atentando mais diretamente a elementos extralinguísticos implicados, como identidade de faixa etária, condição social, profissão, costumes e hábitos, crença, leitura de mundo, estado civil. Via de regra, espera-se que esta identidade aconteça dada a natureza do modo como os memes foram selecionados: os próprios alunos (na sua maioria) é que fizeram a seleção.

(ii) **Compreensão da proposta do texto com ou sem progressão temática**

Para atender a este item, observamos se os alunos compreenderam a proposta temática do meme, como a ironia, sarcasmo do texto ou a crítica social.

(iii) Extensão do tema ao contexto imediato dos alunos

Neste item, observamos se houve sugestão, por parte dos alunos, de alguns elementos extratextuais na discussão, como, por exemplo, a citação de nomes de amigos presentes, num tom irônico (ofensivo ou não), sempre relacionada à situação retratada no meme.

2.2.1. Análise dos argumentos orais sobre o meme 06³

Figura 06: meme 06



Na discussão oral do meme 06, os dois primeiros pontos de observação (identidade e compreensão do tema) mostraram-se significativos, o que trata da Identidade se faz presente visto que foi escolhido pela maioria do grupo. O tema retrata algo que acontece diariamente: a paquera no trânsito, identificado principalmente por se tratar de alunos jovens, em plena adolescência e juventude, embora alguns alunos tenham achado não se tratar disso, mas sim, de um equívoco por parte da pedestre, por não ter visto a suposta mãe do condutor. Em relação à compreensão, percebe-se claramente que a temática foi bem compreendida, na medida em que os alunos não só conseguem apreender o que diz o texto, como também rompem com as expectativas, quando em um dado momento acrescentam novas informações, a exemplo do que diz S4: “Mas ali é a mãe dele, ou seja, ela tentou trolar e ele que trolou ela”. Aqui há uma ampliação do horizonte de expectativa, sem falar no sarcasmo do condutor, se levarmos em consideração a

³Seguem minhas palavras iniciais ao grupo, dando boas-vindas e retomando a atividade explicada previamente: “Boa noite, meninos ...” (P), “Boa noite” (Todos), “Estamos aqui mais uma vez dando continuidade ao nosso trabalho com os memes, estamos, nós selecionamos, não foi? esses cinco e vamos deixar vocês à vontade para falarem o que vocês acharem que seja conveniente em relação a cada meme sugerido por vocês. Temos aí o primeiro, fiquem à vontade.” (P)

fala de S4, transcrita anteriormente. Em relação ao terceiro ponto de observação, o da extensão do tema, não houve uma progressão significativa, apenas ocorreram certas expressões do uso diário dos elementos da pesquisa a exemplo de termos como: “tipo”, “novinha” em S2, “no grau” em S3 numa abordagem generalizada.

Neste meme, pude observar o quanto os sujeitos conseguem empreender uma análise crítica, acrescentando novos significados ao contexto, uma vez que não ficaram apenas que o texto diz, mas também indo além do dito, pois na fala de (S9) “Ele quer passar a imagem que a mãe tá, mas às vezes a mãe nem tá ele falou com qualquer uma” podemos perceber uma interpretação implícita, porque poderia mesmo ser a mãe do personagem, no entanto, como se trata de uma situação que geralmente acontece no cotidiano, isto é, o fato de os homens paquerarem as mulheres no trânsito,(S9) acredita sim tratar-se de um meme que tem como ponto central o trote, pois, para S9, o objetivo do personagem masculino era trolar a personagem feminina. Já na fala de (S4), “Mas ali é a mãe dele, ou seja, ela tentou trolar e ele que trolou ela”, podemos perceber que o mesmo interpreta a situação de fala dos personagens por outro ângulo, em que o processo parece se dar de modo inverso: o rapaz realmente buzina para mãe, que não é vista pela moça, e imagina ser para ela o som da buzina. Na concepção de S4, a moça quis trolar o motorista, mas passa por uma certa vergonha, porque a mãe do rapaz estava mesmo do outro lado da rua e, como prova disso, responde ao aceno do filho.

Não podemos deixar de dar ênfase às marcas da oralidade, como também a determinados termos próprios da linguagem dos jovens. Tais expressões, se lidas ou ouvidas por determinados sujeitos, poderiam ser interpretadas como de baixo valor, ou talvez como inadequadas para jovens estudantes. Todavia, vale ressaltar que expressões, como “tipo”, “boinha”, “né”, “tal” (S2); “novinha”, “no grau” (S3), caracterizam o jeito descontraído, divertido e até mesmo peculiar do grupo social ao qual pertencem esses dois sujeitos, como também à comunidade onde vivem.

Transcrição do debate oral sobre o meme 06

- (11) “Fulano 3” (S1) ... “Tipo, bom, professora,” (S2) “Fulano 2” (S3) a primeira imagem quer dizer o quê? Significa que o rapaz tá passando com o carro dele de boinha, tal (S2) “Viu uma novinha(S3)” “no grau, buzina para ela (risos)” “Quis trolar o cara (S3)” “Vê a mãe né, tal.” (S2) “Manda ele buzinar” (S6) a menina manda buzinar para mãe dele.(S2) “E a mãe dele tá do lado da rua” (S1).” “Então ele prova que tá buzinando pra ela” (S1). “Ele quer passar a imagem que a mãe tá, mas às vezes a mãe nem tá, ele falou com qualquer uma” (S9). “Mas ali é a mãe dele, ou seja, ela tentou trolar e ele que trolou ela” (S4). “Se falou: “Oi, mãe” e a mãe: “Oi, filho”. (S2). (riso forte de S1 e S4)”. “Alguém mais tem alguma coisa a falar?” (S1)

2.2.2. Análise dos argumentos orais sobre o meme 03B

Figura 03: Meme 03B



Este foi um dos memes que menos houve interação por parte dos sujeitos da pesquisa, apesar de ter sido escolhido pelos mesmos. O que se observa na análise deste meme é a relação que os sujeitos fazem da leitura imagética com expressões circuladas nas rodas de conversas entre os jovens. E isso fica muito claro na fala de S4, quando afirma: “o cara tá na emoção de Pablo e tava escutando Adalgiza, a mulher sem coração”. Essa fala demonstra a identificação com o tema, muito embora não esteja estreitamente ligada à total realidade mostrada no texto neste momento. A identificação se dá através de elementos extratextuais, associados ao cotidiano dos sujeitos. No que diz respeito à extensão do tema, observamos que houve uma progressão temática, sobretudo na fala de S4: “Ou vai ver que é porque o Vasco ganhou”, em que fica bem evidente um tom irônico de S4, demonstrando não haver emoção alguma numa vitória de um time que, no momento, está na última posição do campeonato. Além disso, é notável o uso de expressões usadas frequentemente por esses sujeitos, principalmente no que diz respeito ao estilo musical *arrocha*, apreciado pelos jovens desta faixa etária. Vale destacar também que, em determinado momento da discussão, há uma identificação, mesmo que de forma irônica não ofensiva por parte do sujeito S4 na fala citada acima ao que o S1 toma para si a provocação a respeito da vitória do Vasco sobre o Flamengo, time do S1. Mais uma vez, nota-se a presença de marcas da oralidade como “tá”, “tava”, “oi” presente na fala de S3. Outro fato que vale a pena destacar é a referência feita a Pablo e a Adalgiza, cantores em alta, em virtude dos grandes sucessos de *arrocha*, ritmo muito marcante no cotidiano dos sujeitos.

Transcrição da discussão sobre o Meme 03B

- (12) “A terceira imagem, a terceira imagem” (S3). “A terceira figura” (S5). “A terceira figura, o cara tá na emoção de Pablo [cantor de *arrocha*] e tava escutando Adalgiza [cantora de *arrocha*], a “mulher sem

coração” (riso das meninas) e se emocionou, lembrando da ex-mulher e tá na sofrência agora, ói, lá, na emoção” (S3). “Ou vai ver que é porque o Vasco ganhou? (S4) ... (risos altos de S10, S5, S1 e S3) ... (palmas).” Aí eu tenho que ficar calado, porque eu sou vascaíno” (S1) ... (palmas) “Se o Vasco ganhou, quem perdeu?” (P). “Flamengo” (S1).

2.2.3. Análise dos argumentos orais sobre o meme 04B

Figura 04: Meme 04B



A identificação com o meme 04B foi imediata dos alunos, certamente por retratar exatamente a realidade da maioria dos jovens. Tal identificação se deu também pela faixa etária, costumes e hábitos da maior parte dos sujeitos, uma vez que têm uma leitura de mundo que coincide com a sugerida no texto. Para a maioria deles, os três itens apresentados no meme são essenciais para essa turminha como podemos constatar nas seguintes falas: “Oh alegria, viu, esse rapaz fica, viu?” (S2), “Só faltou celular” (S3) “Oh veio” (S4) “isso é a cara do jovem” (S9). No entanto, apesar da euforia, e identificação com o meme, há quem veja essa tal riqueza como algo maléfico à saúde conforme as falas: “Não melhora em nada, né, porque Coca-Cola faz mal pro estômago” (S2). “Chocolate dá espinha” (S6). “Computador também, né pode ficar no vício” (S10). “Computador é viciante” (S8). Por outro lado há quem encontre solução para possíveis problemas decorrentes da tal riqueza: “É só o cara pegar uma academia depois” (S7). Quanto à extensão do tema ao contexto os sujeitos perceberam a ironia implícita no texto, tanto é que perceberam que de riqueza não há nada diante dos prejuízos que terão se tomarem o texto considerando apenas o que se lê, como se pode observar nesta fala: “Computador prejudica a visão, além de que deixar a pessoa sedentária, porque a pessoa não faz atividade física,

chocolate em excesso faz mal também” (S1) ... “engorda, dá espinha, né (S2)”. Já a extensão do tema ao contexto imediato dos alunos houve sugestões, ainda que de forma generalizada, acatada por todos através de aplausos, em especial na fala de S9, quando diz “Faz mal pra todo mundo, mas ninguém deixa de tomar, todo mundo toma coca, todo mundo usa computador, e é chocolatinho direto...(aplausos) isso é a cara do jovem” (S9). Há ainda uma ampliação de expectativa no que diz respeito às conclusões feitas pelos sujeitos da pesquisa, pois fazem ressalvas, que mesmo concordando com a satisfação trazida pelos itens citados no texto, muito importantes para a saúde daqueles que são supostamente ricos como é afirmado no texto. Tal ampliação se faz presente nas falas: “Coca-Cola faz muito mal porque coisa o rim e o fígado sabem lá o que é.... e a cada copo de coca você tem que tomar quarenta copos de água” (S1). Apesar dos malefícios das supostas vitaminas, o grupo chega à conclusão de que elas fazem a festa de todos, e esta conclusão é aplaudida por todos e embalada por um sucesso conhecido e cantado por todos os sujeitos, iniciando por (S4), que vale dizer é o mais gordinho e mais bem humorado do grupo. Como nos demais memes são marcantes as marcas da oralidade e a espontaneidade nas falas, apesar de bem coerentes e entendidas.

Transcrição da discussão sobre o Meme 04B

- (13) “Bora, figura 4” (S3). “Meme quatro” (S10). “Sou rico em vitamina C: Coca-Cola, chocolate e computador” (S1 lendo). “Só faltou celular” (S3). “Oh, véio” (S4). “Oh alegria, viu, esse rapaz fica, viu?” (S2). (risos) ... “Não melhora em nada, né, porque Coca-Cola faz mal pro estômago” (S2). “Chocolate dá espinha” (S6). “Computador também, né, pode ficar no vício” (S10). “Computador é viciante” (S8). “É só o cara pegar uma academia depois” (S7). Computador prejudica a visão, além de que deixar a pessoa sedentária, porque a pessoa não faz atividade física, chocolate em excesso faz mal também (S1) ... engorda, dá espinha, né (S2)... “Coca-Cola faz muito mal porque coisa o rim e o fígado, sei lá o que é ... e a cada copo de coca você tem que tomar quarenta copos de água” (S1) ... “Faz mal pra todo mundo, mas ninguém deixa de tomar, todo mundo toma coca, todo mundo usa computador, e é chocolatinho direto ... (aplausos) isso é a cara do jovem” (S9) ... “É a alegria da galera” (S2) ... (risos ... aplausos) “E ele não fica triste é feliz do mesmo jeito” (S6). “Olhe a cara do moleque” (S2). “Sou um gordinho gostoso⁴” (S4 cantando) “Gordinho gostoso, sou um gordinho gostoso” ... (Todos cantando, rindo e batendo palmas).

2.2.4. Análise dos argumentos orais sobre o meme 07

Figura 07: Meme 07

⁴O refrão “Sou um gordinho gostoso” refere-se à música Gordinho gostoso, de Neto LX, cantada pela Banda Luxúria. A música fala da vantagem de ser gordinho, desde que se tenha dinheiro e viva cheio de mulheres, nos paredões.



A discussão e análise deste meme trouxe à tona um tema que mexeu muito com o pensamento dos sujeitos, em particular dos meninos. A identificação se deu primeiro pela maneira como eles se animaram e fizeram questão de ler para todos. À essa leitura foram acrescentadas expressões surgidas espontaneamente. Neste sentido não é difícil perceber que a faixa etária da maioria condiz com as características dos jovens que gostam dos jogos de vídeo game, além de estarem na fase do encantamento do namoro ou da paquera, ou até como eles mesmos dizem com o ficar. Em certo momento da discussão notamos uma certa perplexidade diante da situação de o personagem sentir-se triste, arrasado não pela perda da namorada, mas sim pela perda do vídeo game, esse pensamento fica claro na seguinte fala: “O que eu entendi foi que o amor dele não era pela namorada e sim pelo vídeo game” (S1), também em: “...Poxa, meu irmão que né isso” (S3). Na extensão do tema ao contexto social houve a progressão temática quando associam a tristeza do personagem à sofrência tão citada por eles nas relações afetivas meio complicadas e, nelas, há sempre alguém sofrendo a falta do outro conforme se observa na fala de (S2) quando afirma que: “E tá com ironia, né... o cara passa e tal finge que gosta da mulher... pode até gostar, mas tal, a mulher vai embora, ele chora, mas não chora por causa dela e sim por causa de um vídeo game, o que é isso?” (S2). Vemos também uma crítica social sobre a inversão de valores e a substituição do sentimento por um bem material, o que fica comprovado no final da fala de (S2) em: “...mas não chora por causa dela e sim por causa de um vídeo game, o que é isso?” (S2). No tocante à extensão do tema ao contexto imediato dos alunos, houve mais uma vez uma comparação de um dos sujeitos com o personagem do texto, e vai além, pois quem é citado também confirma a comparação, mesmo que em tom de brincadeira conforme comprovamos nas seguintes fala: “Parece com S3” (S4) ... Parece comigo mesmo” (S3) ... “Aí eu choro mesmo” (S3). E a espontaneidade na expressão oral torna-se

recorrente, sem deixar de enfatizar termos próprios do grupo, tais como: “né veio”, “tipo”, “cara”, “pô” (S4) “Poxa, meu irmão” (S3) “botou pro vídeo game” “o amigo tá ói assustado”(S9).

Transcrição da discussão sobre o meme 07

- (14) “Próximo meme” (S3). “Bem, próximo meme fala de uma ironia, né, véio, tipo, tire o negócio da frente que tô querendo ler, né? ... (S4) ... “O que aconteceu, amigo?” (S4 lendo) ... “Minha noiva me deixou” (S3 lendo) ... “Sério, cara, pô, não se preocupe, “existe” várias mulheres nesse mundo” (S4 lendo) ...” Eu sei, não é por isso que eu choro, o problema é que o Ps3 era dela e ela levou” (S3 lendo) ... “Pô, véio, eu lhe entendo, cara, eu lhe entendo” (S4 lendo) ... “Poxa, meu irmão, que é isso, né isso?” (S3) ... (risos). “O que eu entendi foi que o amor dele não era pela namorada e sim pelo vídeo game” (S1) ... (barulho) “Também, mas eu acho que ele chora também por ela, mas pra não dar o braço a torcer botou pro vídeo game também” (S9) ... “Chora não bebê, chora não” (Todos cantando) ... “Fulano 2, que é fã de Adalgiza (S1)” ... “Mentira” (S2) ... (risos)... “E tá com ironia, né?” ... “O cara passa e tal finge que gosta da mulher... pode até gostar, mas tal, a mulher vai embora, ele chora, mas não chora por causa dela e sim por causa de um vídeo game, o que é isso?” (S2) ... “Ele está exagerando, chora desesperado” (S9) “Claro, a mulher levou o vídeo game, o amigo tá “ói”, assustado, ele se assusta com o desespero dele” (S9) (risos)... “Parece com Fulano 3, (S4) ... Parece comigo mesmo” (S3) ... “Chora não, bebê... (S4 cantando) “Aí eu choro mesmo” (S3).

2.2.5. Análise dos argumentos orais sobre o meme 08

Figura 08: Meme 08



A escolha deste meme foi feita pelas meninas do grupo, e o critério dessa escolha foi por conta da carinha do cachorrinho. No quesito identificação o que marcou foi a imagem meio doce, a representação de um intelectual, embora os sujeitos não tenham feito muito comentário sobre o mesmo, o pouco que foi discutido deixa claro que os sujeitos ignoram o significado da sigla INEP, tanto é que a citação do INEP foi feita de modo vago, impreciso, segundo a seguinte fala:

“Tipo, professora o sétimo meme, né, eu adorei por causa do cachorrinho resenhando, fala do INEP...” (S2). Quanto à extensão do tema percebemos que houve o teor irônico em relação ao local da prova, já que a expressão sqn, típica dos diálogos entre os jovens nas redes sociais, traduz exatamente o contrário do que se pretendeu dizer conforme diz (S5) em: “... e no final ele fala só que não, então ele tava dando uma ironia...” e, em seguida. (S6) acrescenta uma nova interpretação para o texto quando diz: “Então foi um protesto que ele fez” (S6). Neste meme, não se verificou a extensão do tema ao contexto imediato dos alunos.

Transcrição da discussão sobre o meme 08

- (15) “Tipo, professora, o sétimo meme, né, eu adorei por causa do cachorrinho resenhando ... Fala do INEP, adorei também, mas só que é meio exagerado, porque é ... botaram...(S2) ... “Botaram o local que foi onde aconteceu a prova do ENEM e no final ele fala “só que não”, então ele tava dando uma ironia, que não foi legal, uma crítica que não foi legal” (S5) ... “Então foi um protesto que ele fez” (S6) ...” Parabéns”. (S1)

2.2.6. Análise dos argumentos orais sobre o meme 09

Figura 09: Meme 09



A análise do meme 09 foi de grande polêmica, pois as considerações sobre o mesmo gerou uma grande discussão. No quesito identificação podemos perceber que os sujeitos se colocam na pele de Herpina defendendo-a e criticam o comportamento de Derp conforme a fala: “Isso é um preconceito” (S2), Percebemos também comportamentos preconceituosos como afirma: “Que nada, veio, ela é feia” (S3)... Os sujeitos dividem opiniões no que diz respeito ao fato de gostar e ter vergonha, eles acreditam no sentimento de Derp por Herpina, no entanto, por uma exigência de um padrão de beleza exigido pelo público na sua maioria masculino, faz com que as pessoas se deixem levar pela aparência ou até mesmo concordar com

algo para não desagradar aos seus colegas, isso confirma as falas seguintes: “No meu caso, eu acho que ele não acha ela feia, nem acha ela bonita, eu entendi que ele ficou com vergonha porque os amigos “viu” ele , ele quer se aproveitar dela”(S6), “Ele não acha ela feia, mas só que para os amigos dele diz que ela é feia e, por ele não achar feia , na frente dos amigos ele não quer tá com ela” (S3). Em relação à extensão do tema ao contexto houve sim uma progressão temática visto que os sujeitos fazem uma crítica social, além de em dado momento certo sarcasmo como podemos observar na fala de (S5) quando diz com certa ironia: “Por trás quer tá, né?” (S5). Sobre a extensão do tema ao contexto imediato dos alunos, neste meme, ocorreu um relato real de um parente de um dos sujeitos (S1). Isso fica comprovado em seu discurso aqui transcrito: “Meme real, meu primo, a ex mulher dele chegou lá na casa dele pra ver a filha dele, com o namorado, né, aí desceu do carro, né, aí foi falar com ele, aí começou a discutir, sei lá como foi, alguma coisa e assim, aí do nada ele chegou e falou:“Tchau Verão”,“só que ela não entendeu pensou que ele tava falando que ela era boa, gostosa, igual à mulher do comercial. Só que tem um vídeo que é uma gordona, uma negona bem feia mesmo (risos), gordona... é que ele tinha acabado de assistir, mas na hora que viu ela, ele se lembrou e disse “Tchau, Verão”. (risos). “Aí ela chegou e...” (S1). Aí ela falou: “Ói que fio da pé, quando tava casada comigo não me elogiava, agora que separou quer voltar” (S1). Neste relato vemos como eles conseguem associar os textos à sua rotina com uma autoridade que chega a dar a impressão de que se pedíssemos para que eles produzissem um meme eles o fariam com uma habilidade de um profissional.

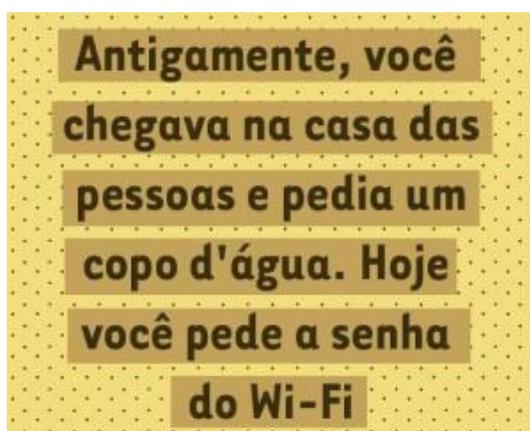
Transcrição da discussão sobre o meme 09

(16) “Sora, esse meme oito eu adorei ele, eu posso ler?” (S10) “Com quem?” (S8) ... “Com (S1), pode ser?” (S10) ... “Pode ser, pode ser (S1) ...” “Amor, fale a verdade, eu sou feia?” (S10 lendo) ... “Claro que não, querida”. (S1 lendo) ... “Mas solte a minha mão um pouco porque aqueles caras eu conheço, kkkk” (S1 lendo) ... (riso da turma toda). “Eu entendi que, porque ... ele falou na cara dela assim que ela era bonita, mas na verdade ele tem vergonha dela, na frente dos amigos, né?” (S10) ... “Ele não disse que ela é bonita” (S6) ... “Porque na mesma hora que ele disse que sim (S1)” ... (muito barulho, todos falando ao mesmo tempo) ... “Ele diz que não” (S9) ... “Então, na mesma hora (S1)” ... “Aí ele diz solte a minha mão” (S6) ... “Que nada, véio, ela é feia” (S3) ... “No meu caso, eu acho que ele não acha ela feia, nem acha ela bonita, eu entendi que ele ficou com vergonha, porque os amigos “viu” ele, ele quer se aproveitar dela” (S6). “Pelo meu ponto de vista ele gosta dela, mas só que ele tem vergonha dela, entendeu, mesmo ela sendo feia, mas tem vergonha porque os amigos acham ela feia” (S1) ... “Tipo, eu gostei do gráfico, mas é que...[pausa], esqueci” (S2) ... (risos)... “Isso é um preconceito” (S2) ... “Ele não acha ela feia, mas só que, para os amigos dele diz que ela é feia e, por ele não achar feia, na frente dos amigos ele não quer tá com ela” (S3) ... “Por trás quer tá, né? Porque alguma coisa há” (S5) ... “É, os amigos dele pegam uma galega, dos olhos verdes, ele pá, olho azul, e ela não tem isso tudo ... uma mulher da academia, coxona, pá... aí ele não quer tá, né, na frente dos amigos com aquela menina, né? (S3) ... “Mas, na frente dos amigos...” (S5) “Ele tem sentimento por ela” (S9) “Professora, eu tenho um meme que foi real.” (S1) “Conte aí” (S2) ... “Meme real, meu primo, a ex-mulher dele chegou lá na casa dele pra ver a filha dele, com o namorado, né. Aí desceu do carro, né, aí foi falar com ele, aí começou a discutir, sei lá como foi,

alguma coisa e assim, aí do nada ele chegou e falou: “Tchau, Verão”. Só que ela não entendeu, pensou que ele “tava” falando que ela era boa, gostosa, igual à mulher do comercial⁵. Só que tem um vídeo que é uma gordona, uma negona bem feia mesmo (risos), gordona... é que ele tinha acabado de assistir, mas na hora que viu ela, ele se lembrou e disse “Tchau, Verão” (risos), aí ela chegou e” ... (S1). “Ela ficou toda cheia” (S6) ... “Aí ela falou: “Ói que fio da pé! Quando tava casado comigo não me elogiava, agora que separou, quer voltar” (S1) (risos)... “Essa foi boa!” (S2) ... (aplausos e risos)

2.2.7. Análise dos argumentos orais sobre o meme 10

Figura 10: Meme 10



O meme 10 despertou grande interesse nos alunos, certamente porque fale do cotidiano deles. No tocante à identificação, o meme traduz toda uma relação muito próxima: em vários momentos, os alunos se viam na condição de usuários ativos das redes sociais e, como tal, disseram que as pessoas fazem quase tudo para acessar as redes sociais. Isso fica bem claro nos vários exemplos citados por alguns deles, como nestas falas a seguir:

“Eu moro assim, quase na rua que eu moro, moro quase na esquina (risos) aí assim, o pessoal de cima nunca falou comigo, aí do nada, assim, a minha vizinha pediu a senha do Wi-Fi, eu dei, tá certo. Quando foi no outro dia o pessoal: “S10, tudo bom?” (S10). Ou ainda em: “Esse meme aconteceu comigo, quando eu não tinha Wi-Fi, na rua que eu moro todo mundo tem e lá eu não tinha e não pedia a senha a ninguém. Quando eu coloquei o Wi-Fi na minha casa passa, todo mundo e diz: “Oi S6, tudo bem, cadê bote aí a senha do Wi-Fi pra eu baixar jogo. Aí eu fui e disse bem assim: “Quando eu não tinha, eu não saía da minha casa, não pedia a senha a ninguém, agora quando eu tenho todo mundo quer. Faça que nem eu, coloque e pague todo mês” (S6).

⁵ O comercial a que o aluno se refere é o da cerveja Itaipava: nele, a expressão “Vai, Verão” tem duplo sentido, podendo referir-se tanto ao nome da bela modelo do comercial, como também ao verão que está se aproximando, o que justifica beber cerveja Itaipava.

Quanto à compreensão da proposta do texto com ou sem progressão temática, praticamente toda a turma conseguiu entender que se tratava de um texto completamente irônico, apesar de parecer desprovida dessa intenção, pois por se tratar de algo tão comum, há implícita a ideia de uma crítica aos valores sociais a respeito das relações humanas. Tal pensamento pode ser constatado nesta fala:

“Bom esse meme do Wi-Fi é bem interessante, porque ele é uma crítica, antigamente a gente chegava na casa de um colega a gente ia jogar bola, a gente jogava bola de gude sei lá, sentava na porta pra conversar um pouco. Hoje em dia não, hoje a gente não vai nem pra ver a pessoa, a gente só vai por causa do Wi-Fi” (S1). Ou também em: “Tipo, e é ruim também isso aí, porque a pessoa vicia aquela coisa e pronto” (S2).

Na extensão do tema ao contexto imediato dos alunos, observamos que, mais uma vez, este item se fez presente na discussão dos discentes em especial quando eles não só citam outro colega, como também se colocam como sujeitos do texto, como se fossem protagonistas da situação da conversação. Podemos observar tal fato nas falas:

“No meu caso já foi assim, eu fui na casa de minha sogra que ela colocou o Wi-Fi em casa dela... aí ao invés de eu escrever o que eu estava conversando com a pessoa no WhatsApp eu escrevi o que eu estava conversando com minha cunhada” (S5) como também em: “bom amanhã eu tô lá (S4).

Vale ressaltar que as impressões sobre este texto foram bem pertinentes ao conteúdo do mesmo, no entanto, a turma concorda que é exatamente isso que acontece no cotidiano. Entretanto, os discentes deixam bem claro as consequências de atitudes como as apresentadas no texto: uma delas foi a problemática da crescente falta de relações interpessoais, a solidão, a questão do vício e os malefícios para a saúde.

Transcrição da discussão sobre o Meme 10

(17) “Sora, esse meme oito eu adorei ele, eu posso ler?” (S10) “Com quem?” (S8) ... “Com (S1), pode ser?” (S10) ... “Pode ser, pode ser (S1) ...” “Amor, fale a verdade, eu sou feia?” (S10 lendo) ... “Claro que não, querida”. (S1 lendo) ... “Mas solte a minha mão um pouco porque aqueles caras eu conheço, kkkk” (S1 lendo) ... (riso da turma toda). “Eu entendi que, porque ... ele falou na cara dela assim que ela era bonita, mas na verdade ele tem vergonha dela, na frente dos amigos, né?” (S10) ... “Ele não disse que ela é bonita” (S6) ... “Porque na mesma hora que ele disse que sim (S1)” ... (muito barulho, todos falando ao mesmo tempo) ... “Ele diz que não” (S9) ... “Então, na mesma hora (S1)” ... “Aí ele diz solte a minha mão” (S6) ... “Que nada, véio, ela é feia” (S3) ... “No meu caso, eu acho que ele não acha ela feia, nem acha ela bonita, eu entendi que ele ficou com vergonha, porque os amigos “viu” ele, ele quer se aproveitar dela” (S6). “Pelo meu ponto de vista ele gosta dela, mas só que ele tem vergonha dela, entendeu, mesmo ela sendo feia, mas tem vergonha porque os amigos acham ela feia” (S1) ... “Tipo, eu gostei do gráfico, mas é que...[pausa], esqueci” (S2) ... (risos)... “Isso é um preconceito” (S2) ... “Ele não acha ela feia, mas só que, para os amigos dele diz que ela é feia e, por ele não achar feia, na frente dos amigos ele não quer tá com ela” (S3) ... “Por trás quer tá, né? Porque alguma coisa há” (S5) ... “É, os amigos dele pegam uma galega, dos olhos verdes, ele pá, olho azul, e ela não tem isso tudo ... uma mulher da academia, coxona,

pá... aí ele não quer tá, né, na frente dos amigos com aquela menina, né? (S3) ... “Mas, na frente dos amigos...” (S5) “Ele tem sentimento por ela” (S9) “Professora, eu tenho um meme que foi real.” (S1) “Conte aí” (S2) ... “Meme real, meu primo, a ex-mulher dele chegou lá na casa dele pra ver a filha dele, com o namorado, né. Aí desceu do carro, né, aí foi falar com ele, aí começou a discutir, sei lá como foi, alguma coisa e assim, aí do nada ele chegou e falou: “Tchau, Verão”. Só que ela não entendeu, pensou que ele “tava” falando que ela era boa, gostosa, igual à mulher do comercial⁶. Só que tem um vídeo que é uma gordona, uma negona bem feia mesmo (risos), gordona... é que ele tinha acabado de assistir, mas na hora que viu ela, ele se lembrou e disse “Tchau, Verão” (risos), aí ela chegou e” ... (S1). “Ela ficou toda cheia” (S6) ... “Aí ela falou: “Ói que fio da pé! Quando tava casado comigo não me elogiava, agora que separou, quer voltar” (S1) (risos)... “Essa foi boa!” (S2) ... (aplausos e risos)

2.3. Correlação dos resultados da avaliação escrita e da avaliação oral

A princípio, pensamos em trabalhar memes da Prova Brasil e do ENEM, no entanto ao analisarmos as mesmas percebemos que a maior parte dos textos que trabalham com a imagem se tratava de charges, tirinhas e cartuns. Por essa razão optamos por trabalhar com os memes veiculados nas redes sociais, em especial no facebook e WhatsApp, visto que os sujeitos da nossa oficina fazem uso constante desses aplicativos.

Como o meme é um texto que carrega inúmeros significados e que exige do leitor um conhecimento amplo, aborda geralmente temas políticos e é um gênero formador de opiniões, pois faz o leitor refletir sobre o que está acontecendo na sociedade a sua volta e agir de forma consciente como cidadão, decidimos optar por este gênero dada a facilidade de acesso, pela linguagem simples e de certa forma alegre, pois estes fatores contribuiriam para o melhor rendimento dos trabalhos em sala de aula.

Fica muito evidente o resultado das duas pesquisas, ambas tiveram seus pontos positivos e negativos, mas no que se refere ao primeiro grupo de trabalhos percebi que os resultados saíram meio que já previstos, primeiro porque era um grupo mais afim, a faixa etária era bem próxima, os anseios dos alunos tinham muito em comum, e o fato de estarem envolvidos em atividades que convergiam para direções semelhantes. Segundo porque, como havia um questionário que deveria conduzir as respostas achei que os sujeitos ficaram mais preocupados em mostrar um texto mais elaborado, uma vez que, mesmo sabendo que não era uma avaliação, havia um certo cuidado para não pecarem na escrita, daí perder um pouco da espontaneidade que permeia toda a discussão.

Se por um lado os sujeitos do nono ano eram mais contidos, concentrados, por outro os da EJA apresentaram um tom leve e descontraído e isso rendeu ao trabalho várias

⁶ O comercial a que o aluno se refere é o da cerveja Itaipava: nele, a expressão “Vai, Verão” tem duplo sentido, podendo referir-se tanto ao nome da bela modelo do comercial, como também ao verão que está se aproximando, o que justifica beber cerveja Itaipava.

contribuições que eles conseguiram identificar além do texto. Esse aspecto não desmerece as contribuições dos sujeitos do Ensino Fundamental os quais de forma simples, mas um tanto mais preocupados com a estética, o cuidado com a escrita, logo com resultados um tanto quanto meio que esperado, sobretudo, porque receberam uma série de perguntas que já os conduziam a uma certa resposta. Já os da EJAEF, mesmo sabendo previamente da gravação, não se intimidaram, nem ficaram presos à norma padrão, mostrando com isso a sua familiaridade com o texto nos seus aspectos semânticos e, porque não dizer gramaticais.

O meme 03 foi escolhido pelos dois grupos da pesquisa: na visão dos alunos do nono ano, observamos que houve uma maior preocupação com o interior do ser humano, com o lado negativo das pessoas. E essa visão se dá, certamente, por conta das situações vividas por eles em seu cotidiano. A análise desses alunos nos surpreende à medida que vemos uma certa preocupação com o outro, já que, nas duas expressões expostas, ambos os alunos passaram uma ideia de que é ruim viver assim, ver um colega desse jeito. Já a análise feita pelos alunos da EJA, deu-se de forma mais cômica: eles fazem referências a músicas e cantores em alta, no momento, cantores do arrocha. Ao contrário dos alunos do nono ano, os do EJA até brincam, fazendo comparação aos torcedores de times rivais do futebol carioca, o Vasco e o Flamengo. Isso mostra o grau de interesse dos dois grupos: enquanto um está mais voltado para questões mais inerentes ao sentimento do ser humano, o outro consegue extrapolar a tal sentimento, “brincando” com situações do cotidiano. Assim, pode-se resumir que ficaram evidentes duas situações antagônicas: alegria e humor, aos da EJA; na turma do 9º. ano, a repulsa e constatação deles de que deve ser muito ruim até estar ao lado de pessoas com comportamentos semelhantes ao do personagem do meme.

O meme 04 também foi escolhido pelos dois grupos, e mais uma vez encontramos diferenças nas duas análises. Os alunos do nono ano mostraram em sua análise sobre este mostra certa preocupação com a questão do comer sem moderação, com o excesso, além disso ficou claro que eles ainda temem a figura materna, pois chegam a falar que se quisessem teriam que come o chocolate escondido da mãe. Outro ponto interessante é a fala do aluno que encerra uma crítica em relação à expressão facial do personagem de referido meme, pois, segundo o aluno, ele sente um incômodo do sorriso irônico do personagem. Isso nos leva a crer que eles se sentiram de alguma forma, satirizados, trolados quando há essa quebra de expectativa do leitor, pois o mesmo espera que a riqueza seja de outra coisa e não dos itens mencionados no texto. Já os alunos da EJA veem nessa riqueza algo engraçado, gostoso de se falar, eles não encararam o texto como algo que os punisse, que dissesse, evite isso, faça aquilo, ao contrário, eles se

veem fazendo uso exagerado dessa riqueza, até encontram soluções para resolver as possíveis consequências pelo excesso de riqueza. Eles também como os do nono ano mostram os prejuízos dessa prática, porém o tom hilário prevalece na análise desses alunos.

Por fim, no Quadro 05, apresentamos as principais diferenças que se mostraram mais significativas na correlação dos resultados de cada uma das etapas da pesquisa, relevando as de natureza extratextuais.

Quadro 05: Distribuição de intertextos que os alunos fizeram

Intertextos que os alunos trouxeram aos memes:	Etapa 01 (Avaliação escrita)	Etapa 02 (Avaliação oral)
Comercial de cerveja na tv (Vai, Verão)	-	M 9
Refrão de música “A mulher sem coração” Adalgiza	-	M3B M4 M7
Situação real na família ou conhecido	-	M7 M9 M10
Referência à celebridade	-	M4
Referência a colega de classe	-	M7 M10
Referência a temas atuais	M5	M3B
Sugestão para o problema	M2	M4 M10
Identidade com o texto	M1 M5	M4 M7 M9 M10

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas tecnologias têm gerado mudanças significativas na nossa forma de viver e de nosso fazer pedagógico: com o advento da internet e suas ferramentas tecnológicas, o ensino de Língua Portuguesa também deve acompanhar parte destas transformações sociais. Nesse trabalho, abordamos o estudo do meme como uma tentativa de aproximar tal relação social.

Estamos vivendo diante de um fenômeno em que os meios tecnológicos estão cada vez mais evoluídos e integrados às nossas atividades diárias, por isso a tendência é que essa integração cresça ainda mais, potencializando e ampliando as formas de interação entre os usuários e as tecnologias.

As novas possibilidades de interação propiciam novos modos de produção de conhecimento e a integração das tecnologias às nossas ações alcança também a área da educação, haja vista que suas potencialidades podem favorecer o processo de ensino em todas as áreas do conhecimento.

Nesse sentido, os processos de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua portuguesa podem valer-se das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para estimular investigações e auxiliar na busca de respostas às diversas e complexas necessidades que ora se apresentam à medida que oferecem maior versatilidade aos processos de formação dos alunos aliados ao estudo dos *memes*.

Contudo, a simples integração dos recursos tecnológicos no processo educativo não implica a automática mudança nos conceitos de conhecimento, ensino e aprendizagem; tampouco indica que se passou a ter uma prática inovadora por parte de professores e alunos.

Isso vai depender das atitudes e predisposições desses sujeitos ante às TIC no processo de ensino, pois pode ocorrer, por exemplo, uma situação em que os sujeitos façam das TIC instrumentos de reforço do enfoque de ensino centrado no professor, reforçando a mesma prática docente tradicional de décadas atrás.

Por outro lado, não há como negar que a integração entre a tecnologia digital e os recursos da telecomunicação possibilitaram a ampliação do acesso à educação e, sem dúvida, a modalidade de ensino passou a se constituir uma alternativa viável para a formação as aulas de ensino de língua.

Entendemos que as escolas precisam estar preparadas para atender às necessidades de formação de seus participantes (COX, 2008). A mediação pedagógica não necessariamente tem que ocorrer entre os muros da escola, ou das salas de aula, a inclusão destas novas

tecnologias na educação visa exatamente esta mudança: romper ou ultrapassar estas paredes, com o objetivo de instrumentalizar os alunos nos processos de construção de conhecimento para além do ambiente escolar.

Os aspectos definidos como negativos sobre as TIC na Educação estão relacionados ao medo de as tecnologias assumirem o papel do professor, ao isolamento social e ao acesso ilimitado às informações. Essas indicações vão ao encontro das afirmações de Freitas (2009) sobre a importância da formação tanto inicial como continuada de professores para promover a integração a esse novo contexto. Pois as escolas, os professores e os alunos não podem ficar à margem das mudanças que estão ocorrendo a partir das influências dos computadores e da internet na aprendizagem, no acesso à informação, na “aquisição de conhecimentos” e nas novas formas de comunicação. Se o professor desenvolve conhecimentos e habilidades para lidar com os novos recursos, ele se aproxima cada vez mais do aluno, tornando a sala de aula um ambiente de cumplicidade, onde professor e aluno se ajudam mutuamente, trocam informações, o aluno passa de mero espectador para um sujeito que também opina, aprende e ensina.

Nesse sentido, o trabalho com os *memes* provou que isso é possível, pois a nossa pesquisa mostrou que os sujeitos puderam ser parte do projeto, saíram da zona de conforto e passaram a ser protagonistas do seu conhecimento.

De acordo com Kenski (2007), estes docentes quando capacitados podem transformar aquele mundo pequeno da sala de aula, onde os alunos se apresentam regularmente durante o ano, sempre na mesma rotina de estudos e aprendizado, em um espaço de colaboração, deixando o isolamento, fazendo com que eles aprendam a aprender, a pensar coletivamente, a compartilhar opiniões e conhecimentos, que o objetivo e a linha de estudos adotados sejam um exercício contínuo expandindo também para fora da sala de aula em horários e locais diversos.

O medo de que este espaço virtual crie um isolamento social não pode ultrapassar a coragem para mudar. Trata-se de uma grande oportunidade para a interação e a (re)construção de novas relações entre professor e aluno, entre os próprios alunos, entre os professores, a escola com a família, etc. É possível fazer deste espaço um local profícuo e construtivo, se é nele que os jovens estão cada vez mais inseridos, então porque não aproveitar estas possibilidades para promover uma maior aproximação da escola e das práticas de aprendizagem, criarmos recursos neste meio para atrair e ensinar estes jovens a terem um olhar mais amplo, criativo, que saibam filtrar as informações importantes e potencializar sua capacidade de inserção no mundo.

Novos recursos tecnológicos surgem a cada instante como possibilidades para auxiliar no aprimoramento ao acesso à informação e à construção do conhecimento, sendo necessária a erudição da sua abrangência, tendo todo o apoio técnico administrativo no seu uso dentro da escola. Se fizermos uso desses novos recursos tecnológicos apenas para a manutenção das formas estabelecidas na “transmissão” da informação, estaremos insistindo em práticas tradicionais e conservadoras, em um aprendizado meramente mecânico. Entretanto, sendo estes devidamente apropriados e utilizados, podem proporcionar condições para que alunos e professores desenvolvam formas mais adequadas no processo de ensino e aprendizagem, assumindo posturas críticas e reflexivas nas interações dialógicas, tendo assim grande validade em nosso meio social e educacional.

Como enfatizado anteriormente, as TIC estão cada vez mais presentes e não podemos fechar os olhos para este avanço progressivo, devemos aprender a desfrutar da diversidade dos recursos disponíveis, procurando acompanhar esse processo para contribuir com o crescimento e o aprimoramento do conhecimento.

Conforme afirma Kenski (2007), não existe uma maneira pronta e definitiva para as práticas educacionais escolares com o uso dos recursos da informática. A partir das observações realizadas nesse trabalho, podemos afirmar que as tecnologias devem ser compreendidas como aliadas nos processos educativos, que a apropriação e a utilização adequada das TIC podem contribuir na promoção de um ambiente escolar mais dinâmico e interativo, no qual o aluno teria mais interesse no processo de aprendizagem e o professor mais prazer em sua prática pedagógica.

Temos que buscar compreender as possibilidades e potencialidades de encontro entre as novas tecnologias e as anteriores para ajudar a pensar a educação na contemporaneidade.

Como ser que fala, vimos também que os alunos gostam de interagir em sala de aula, gostam de contar parte da rotina de seus dias, enfim, gostam de dividir momentos de suas vidas particulares à de seus colegas. Daí a importância de se abordarem conteúdos nesta perspectiva mais voltada para a oralidade. Como não são todos os conteúdos que nos permitirão trabalhar nesta perspectiva de maior interação, devemos, quando possível, fazê-lo. E nos estudos do meme, tentamos demonstrar que isso foi possível.

Nesse sentido, a pesquisa mostrou-se bem interessante no que diz respeito ao olhar dos sujeitos para os memes, pois o que antes eram apenas carinhas passaram a ser encarados como textos com uma função social. A visão agora toma outro rumo, à medida que, através da mediação do professor, explora aspectos sociais, linguísticos e semânticos encontrados nos memes.

Dessa forma, entendemos que o nosso trabalho, quando reflete sobre a competência leitora através dos memes, contribui para que o aluno desenvolvesse um olhar crítico perante os elementos desses textos, e, conseqüentemente despertando um novo olhar diante das linguagens que constituem a composição textual. Além disso, possibilitou um trabalho diferenciado nas aulas de Língua Portuguesa, quando nestasse fizer uso da tecnologia, como recurso didático-pedagógico capaz de produzir índice de aprendizagem mais promissor.

Neste sentido, os resultados evidenciam que a hipótese de pesquisa foi confirmada: os alunos da EJA conseguiram expor suas ideias e interpretações de forma coerente, com expansão temática em todos os memes por eles analisados. Assim, a pesquisa já aponta um novo caminho que pode ser trilhado: trabalhar mais as habilidades desses sujeitos sem limitá-los a textos escritos e com perguntas previamente selecionadas pelo professor, sem trazer muita coisa da vida prática destes discentes.

Acreditamos que o estudo aqui apresentado poderá contribuir para uma prática de ensino de língua mais promissora, mais inclusiva e mais efetiva.

Com o novo olhar direcionado ao meme, os alunos foram capazes de considerar que a presença das linguagens verbal e não verbal é marcante e que a imagem, quando trabalhada, direciona o olhar para o leitor, prende a sua atenção e, inclusive, desperta nele o gosto por novas leituras.

Do ponto de vista do estudo das imagens, podemos dizer que a união das linguagens verbal e não verbal foram integradas de modo a garantir o sentido e a funcionalidade discursiva memes selecionados por eles mesmos, momento em que cada um teve a oportunidade de interagir, refletir e escolher os textos e que lhe interessaram em detrimento de outros.

Vale ressaltar que a pesquisa cumpriu seu objetivo inicial, com os resultados alcançados, ao desenvolver junto aos alunos a competência leitora diante dos textos multimodais, utilizando-se, para isso, da tecnologia digital, em especial, do celular como suporte do gênero em questão, que foi concebido enquanto recurso pedagógico que potencializa as práticas em sala de aula de forma efetiva.

Para futuras pesquisas, pretendemos ampliar a amostra, aplicando a proposta a outros alunos e descrevendo, de modo mais amplo, os resultados alcançados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. E. Bianconcini. **Prática e formação de professores na integração de mídias**. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In. *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005, 204p.
- ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. Ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.
- BARRETO, Raquel G., **Globalização, mídia e escola: luzes no labirinto audiovisual**. Revista Científica de Comunicación y Educación, Comunicar, 22, páginas 21-26, 2004.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **Metodologia da Problematização com o arco de de Maguerez**. Londrina-PR: Eduel, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.
- BROWN. Tim. **Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. São Paulo. Elsevier. 2010.
- CARDOSO, Beatriz. **Tecnologias a serviço da aprendizagem da língua e do letramento**. Brasília, abr. 2015, Plataforma do Letramento. Sessão Em Revista. Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/332/beatriz-cardoso-tecnologias-a-servico-da-aprendizagem-da-lingua-e-do-letramento.html>>. Acesso em: 13 mai. 2015.
- CEREJA, William. **Nova Escola**, nov. 2009.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**. São Paulo: UNESP, 1994.
- COSTA-MACIEL, Débora Amorim G. **Oralidade e Ensino: saberes necessários a prática docente**. Recife: EDUPE, 2014
- COX, K.K., **Informática na Educação Escolar**. 2ª ed. Campinas, SP: editora Autores Associados, 2008. DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Editora Itatiaia. Belo Horizonte, 2001.
- DEMO, P. **TICs e Educação**. Disponível em <<http://pedrodemo.sites.uol.com.br/textos/tics.html>>. Acessada em dez. 2015.
- ECO, Humberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2004.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. **Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa**. In: ELIAS, Vanda Maria (organizadora). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERNANDES, Alessandra; PAULA, Ana Beatriz. **Compreensão e produção de textos em língua materna e língua estrangeira**. Curitiba: IBPEX, 2008.
- FREITAS, M. T. A. **A formação de professores diante dos desafios da cibercultura**. In: FREITAS, M. T. A. *Cibercultura e Formação de Professores*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009. p. 57-74 (Coleção leitura, escrita e oralidade

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GRANDO, Katlen Bohm. **O letramento a partir de uma perspectiva teórica**: origem do termo conceituação e relações com a escolarização. IX AnpedSul, 2002. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Alfabetizacao,_Leitura_e_Escrita/Trabalho/05_08_29_3275-6607-1-PB.pdf>. Acesso em 12 jul. 2015.

KENSKI, V.M., *Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação*. Campinas, SP: editora Papirus, 2007.

_____, V. M. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2001, 141p.

KLEIMAN, Angela B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes. 1989.

_____. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Ângela B. Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Ângela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor**: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tânia M.K., BECKER, Paulo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. Passo Fundo: UFP, 2002.

_____. Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294p.

KOCH, Ingedores Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber**: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, 340p.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da Leitura**. Porto Alegre: Sagra- D.C.Luzzatto, 1996.

LEITE, Ald Fernanda Correa. **Trabalhando a oralidade na sala de aula**. 2001. Disponível em <http://wwwwebartigos.com/artigos/trabalhando-a-aoralidade-na-sala-de-aula/Acesso> em: 13 de novembro de 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Oralidade e letramento como práticas sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. RJ: Lucerna, 2007. P.33).

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Letramentos e culturas juvenis: tecnologias, experiências sociais contemporâneas e as**

diferentes leituras do mundo. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/arquivo_upload/2014-02/20140205110804-para-aprofundar_letramentos-juvenis_alexandre-pereira_artigo-exclusivo-pl_10.pdf>. Acesso em 13 jul. 2015.

PESSOA, Alberto Ricardo. **Charge como estratégia complementar de ensino**. Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 192p.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos** – coleção Linguagem & Ensino. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006)

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007, 304p.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Magda Becker. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEIXEIRA, Maria Cláudia. **O gênero jornalístico charge no letramento escolar**. Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro. v. 12. n. 19. p. 89-107, 2010.

WAZLAWICK, Raul Sidnei. **Metodologia de pesquisa para ciência da computação**. São Paulo: Elsevier, 2014.

WILEY, D. A. **Learning objects and the new CAI: So what do I do with a learning object?** 1999. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/objetosaprendizagem/11wiley_traducao.doc>. Acesso em: 02 set. 2015.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.\|

ANEXOS

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA DISCUSSÃO ORAL DOS MEMES

“Boa noite, meninos.” (P) “Boa noite” (Todos). “Estamos aqui mais uma vez dando continuidade ao nosso trabalho com os memes, estamos, nós selecionamos, não foi? Esses cinco e vamos deixar vocês à vontade para falarem o que vocês acharem que seja conveniente em relação a cada meme sugerido por vocês. Temos aí o primeiro, fiquem à vontade.”

Meme 06

“Fulano 3” (S1) ... “Tipo, bom, professora, (S2) “Fulano” (S3) a primeira imagem quer dizer o quê? Significa que o rapaz tá passando com o carro dele de boinha, tal (S2) “Viu uma novinha(S3)” “no grau, buzina para ela (risos)” “Quis trolar o cara (S3)” “Vê a mãe né, tal.” (S2) “Manda ele buzinar” (S6) a menina manda buzinar para mãe dele.(S2) “E a mãe dele tá do lado da rua” (S1).” “Então ele prova que tá buzinando pra ela” (S1). “Ele quer passar a imagem que a mãe tá, mas às vezes a mãe nem tá, ele fãlou com qualquer uma” (S9).” Mas ali é a mãe dele, ou seja, ela tentou trolar e ele que trolou ela” (S4). “Se falou: “Oi, mãe” e a mãe: “Oi, filho”. (S2). (riso forte de S1 e S4).” “Alguém mais tem alguma coisa a falar?” (S1)

Meme 03B

“A terceira imagem, a terceira imagem” (S3). “A terceira figura” (S5). “A terceira figura, o cara tá na emoção de Pablo [cantor de arrocha] e tava escutando Adalgiza [cantora de arrocha], a “mulher sem coração” (riso das meninas) e se emocionou, lembrando da ex-mulher e tá na sofrência agora, ói, lá, na emoção” (S3). “Ou vai ver que é porque o Vasco ganhou? (S4) ... (risos altos de S10, S5, S1 e S3) ... (palmas).” Aí eu tenho que ficar calado, porque eu sou vascaíno” (S1) ... (palmas) “Se o Vasco ganhou, quem perdeu?” (P). “Flamengo” (S1).

Meme 04 B

“Bora, figura 4” (S3). “Meme quatro” (S10). “Sou rico em vitamina C: Coca-Cola, chocolate e computador” (S1 lendo). “Só faltou celular” (S3). “Oh, véio” (S4). “Oh alegria, viu, esse rapaz fica, viu?” (S2). (risos) ... “Não melhora em nada, né, porque Coca-Cola faz mal pro estômago” (S2). “Chocolate dá espinha” (S6). “Computador também, né, pode ficar no vício” (S10). “Computador é viciante” (S8). “É só o cara pegar uma academia depois” (S7). Computador prejudica a visão, além de que deixar a pessoa sedentária, porque a pessoa não faz atividade física, chocolate em excesso faz mal também (S1) ... engorda, dá espinha, né (S2)”... “Coca-Cola faz muito mal porque coisa o rim e o fígado, sei lá o que é ... e a cada copo de coca você tem que tomar quarenta copos de água” (S1) ... “Faz mal pra todo mundo, mas ninguém deixa de tomar, todo mundo toma coca, todo mundo usa computador, e é chocolatinho direto ... (aplausos) isso é a cara do jovem” (S9) ... “É a alegria da galera” (S2) ... (risos ... aplausos) “E ele não fica triste é feliz do mesmo jeito” (S6). “Olhe a cara do moleque” (S2). “Sou um gordinho gostoso⁷” (S4 cantando) “Gordinho gostoso, sou um gordinho gostoso” ... (Todos cantando, rindo e batendo palmas).

Meme 07

“Próximo meme” (S3). “Bem, próximo meme fala de uma ironia, né, véio, tipo, tire o negócio da frente que tô querendo ler, né...(S4) ... “O que aconteceu, amigo?” (S4 lendo) ... “Minha noiva me deixou” (S3 lendo) ... “Sério, cara, pô, não se preocupe, “existe” várias mulheres nesse mundo” (S4 lendo) ...” Eu sei, não é por isso que eu choro, o problema é que o Ps3 era dela e ela levou” (S3 lendo) ... “Pô, véio, eu lhe entendo, cara, eu lhe entendo” (S4 lendo) ... “Poxa, meu irmão, que é isso, né isso?” (S3) ... (risos). “O que eu entendi foi que o amor dele não era pela namorada e sim pelo vídeo game” (S1) ... (barulho) “Também, mas eu acho que ele chora também por ela, mas pra não dar o braço a torcer botou pro vídeo game também” (S9) ... “Chora não bebê, chora não” (Todos cantando) ... “Fulano 2, que é fã de Adalgiza (S1)” ... “Mentira” (S2) ... (risos)... “E tá com ironia, né?” ... “O cara passa e tal finge que gosta da mulher... pode até gostar, mas tal, a mulher vai embora, ele chora, mas não chora por causa dela e sim por causa de um vídeo game, o que é isso?” (S2) ... “Ele está exagerando, chora desesperado” (S9) “Claro, a mulher levou o vídeo game, o amigo tá “Ói”, assustado, ele se assusta com o desespero dele” (S9)

⁷O refrão “Sou um gordinho gostoso” refere-se à música Gordinho gostoso, de Neto LX, cantada pela Banda Luxúria. A música fala da vantagem de ser gordinho, desde que se tenha dinheiro e viva cheio de mulheres, nos paredões.

(risos)... “Parece com Fulano 3, (S4) ... Parece comigo mesmo” (S3) ... “Chora não, bebê... (S4 cantando) “Aí eu choro mesmo” (S3).

“Tipo, professora, o sétimo meme, né, eu adorei por causa do cachorrinho resenhando ... Fala do INEP, adorei também, mas só que é meio exagerado, porque é ... botaram...(S2) ... “Botaram o local que foi onde aconteceu a prova do ENEM e no final ele fala “só que não”, então ele tava dando uma ironia, que não foi legal, uma crítica que não foi legal” (S5) ...” Então foi um protesto que ele fez” (S6) ...” Parabéns”. (S1)

Meme 09

“Sora, esse meme oito eu adorei ele, eu posso ler? (S10) “Com quem?” (S8) ...” Com (S1), pode ser?” (S10) ...” Pode ser, pode ser (S1) ...” Amor, fale a verdade, eu sou feia?” (S10 lendo) ...” Claro que não, querida”. (S1 lendo) ... “Mas solte a minha mão um pouco porque aqueles caras eu conheço, kkkk” (S1 lendo) ... (riso da turma toda). “Eu entendi que, porque ... ele falou na cara dela assim que ela era bonita, mas na verdade ele tem vergonha dela, na frente dos amigos, né?” (S10) ...” Ele não disse que ela é bonita” (S6) ... “Porque na mesma hora que ele disse que sim (S1)” ... (muito barulho, todos falando ao mesmo tempo) ... “Ele diz que não” (S9) ... “Então, na mesma hora (S1)” ... “Aí ele diz solte a minha mão” (S6) ... “Que nada, véio, ela é feia” (S3) ... “No meu caso, eu acho que ele não acha ela feia, nem acha ela bonita, eu entendi que ele ficou com vergonha, porque os amigos “viu” ele, ele quer se aproveitar dela” (S6). “Pelo meu ponto de vista ele gosta dela, mas só que ele tem vergonha dela, entendeu, mesmo ela sendo feia, mas tem vergonha porque os amigos acham ela feia” (S1) ... “Tipo, eu gostei do gráfico, mas é que...[pausa], esqueci” (S2) ... (risos)... “Isso é um preconceito” (S2) ... “Ele não acha ela feia, mas só que, para os amigos dele diz que ela é feia e, por ele não achar feia, na frente dos amigos ele não quer tá com ela” (S3) ... “Por trás quer tá, né? Porque alguma coisa há” (S5) ...” É, os amigos dele pegam uma galega, dos olhos verdes, ele pá, olho azul, e ela não tem isso tudo ... uma mulher da academia, coxona, pá... aí ele não quer tá, né, na frente dos amigos com aquela menina, né? (S3) ...” Mas, na frente dos amigos...” (S5) “Ele tem sentimento por ela” (S9) “Professora, eu tenho um meme que foi real.” (S1) Conte aí” (S2) ...” Meme real, meu primo, a ex-mulher dele chegou lá na casa dele pra ver a filha dele, com o namorado, né. Aí desceu do carro, né, aí foi falar com ele, aí começou a discutir, sei lá como foi, alguma coisa e assim, aí do nada ele chegou e falou: “Tchau, Verão”. Só que ela não entendeu, pensou que ele “tava” falando que ela era boa, gostosa, igual à mulher do comercial⁸. Só que tem um vídeo que é uma gordona, uma negona bem feia mesmo (risos), gordona... é que ele tinha acabado de assistir, mas na hora que viu ela, ele se lembrou e disse “Tchau, Verão” (risos), aí ela chegou e ... (S1). “Ela ficou toda cheia” (S6) ... “Aí ela falou: “Ói que fio da pé! Quando tava casada comigo não me elogiava, agora que separou, quer voltar” (S1) (risos)... “Essa foi boa!” (S2) ... (aplausos e risos)

Meme 10

“Antigamente, você chegava na casa das pessoas e pedia um copo d’água. Hoje você pede a senha do Wi-Fi” (S8 lendo) “Ah, professora, isso, esse meme aconteceu comigo, eu moro assim quase, na rua que eu moro, moro quase na esquina (risos) aí assim o pessoal de cima nunca falou comigo, aí do nada, assim a minha vizinha pediu a senha do Wi-Fi, eu dei, tá certo, quando foi no outro dia o pessoal “Fulano10, tudo bom?” “Tudo”. Aí eu disse pro meu marido, né, rapaz, esse povo nunca falou comigo, né, aí vem falar comigo. Quando foi no terceiro dia, a porta cheia de gente lá (todos riem) ... Ói, o meu amigo, meu vizinho pegou, deu a senha pra esse povo, que ele falava, um monte de gente ... “É bom nem ter amigo numa hora dessa” (S6). “Esse meme aconteceu comigo, quando eu não tinha Wi-Fi, na rua que eu moro todo mundo tem e lá eu não tinha e não pedia a senha a ninguém e quando eu coloquei o Wi-Fi na minha casa passa todo mundo e diz “Oi, Fulano10, tudo bem? Cadê ... bote aí a senha do Wi-Fi pra eu baixar jogo.” “Aí eu fui e disse bem assim: “Quando eu não tinha, eu não saía da minha casa, não pedia a senha a ninguém, agora quando eu tenho, todo mundo quer? Faça que nem eu, coloque e pague todo mês” (S6) (risos e palmas da turma). “Comigo, professora, esse meme tem a minha cara” (S2) “Isso me dá revolta” (S1) ... “Diz eu, né, que saí na rua em busca de um amor (riso S2), chegando lá eu vi uns “uaifais” (S2) ... “Uaifais, vixe, “uaifais”, kkk” (S1) ... “Vi um aberto, aí despreocupeí, né, lá na porta do vizinho no Wi-Fi, fui, “ói”, fui é mexer no Wi-Fi, fui à procura de um Wi-Fi e encontrei um novo amor” (S2). “Lá em casa já é diferente, lá em casa, a gente sentava na porta, antigamente com os colegas e era tudo conversando normal, tirando brincadeira um com o

⁸ O comercial a que o aluno se refere é o da cerveja Itaipava: nele, a expressão “Vai, Verão” tem duplo sentido, podendo referir-se tanto ao nome da bela modelo do comercial, como também ao verão que está se aproximando, o que justifica beber cerveja Itaipava.

outro, sentado na porta, era até dez horas, duas horas da manhã, eu já cheguei em casa a entrar em casa três e meia da manhã, mesmo assim, porque minha mãe foi na janela e falou: “Fulano 3, entre logo pra casa, senão você vai dormir na casa do cachorro”. “Aí eu corri e fui pra casa, quando a gente botou o Wi-Fi lá em casa, os “guri” vão lá pra casa, eu pensando que é pra gente sentar na porta e conversar tal, não aí”: “Ei, Fulano 3, “véio”, a internet caiu, eu apertei sem querer, bote aí a senha, “véio”. “Isso todo dia, aí eu já vou, entro no comando do Wi-Fi e saio desconectando todo mundo. Quando é no outro dia, tá lá a galera toda: “Fulano 3, “véio”, bote a senha aí, você é osso, né?” “Tá, é dessa mesmo, não quer pagar, tá pensando que o Wi-Fi é de graça ... “Bom, amanhã eu tô lá (S4) ... (risos)... “demorô”, eu já vou deixar fora da tomada ... “Ói,” pra você não ir (risos), rapaz, tá vendo?” (S3). “Bom, esse meme do Wi-Fi é bem interessante, porque ele é uma crítica. Antigamente a gente chegava na casa de um colega, a gente ia jogar bola, a gente jogava bola de gude, sei lá, sentava na porta pra conversar um pouco, hoje em dia, não, hoje a gente não vai nem pra ver a pessoa, a gente só vai por causa do Wi-Fi, a gente vai pra poder ficar conversando com pessoas que “tão” longe. Então, a gente não liga mais pra pessoa que tá perto, a gente, às vezes, até conversa com a pessoa que tá perto, mas não pessoalmente, a gente não chega e fala, dialoga pessoalmente frente a frente, não. Cada um olha pro seu celular e vai digitando ali e vai falando um com o outro, às vezes, tá todo mundo reunido e fica nisso”. (S1). “Às vezes, eu tô na casa com a minha irmã, na mesma casa, ao invés de eu falar com ela, eu escrevo pra ela fazer alguma coisa, não falo pessoalmente e vai e fala” (S5) “Lá em casa é eu no quarto e minha mãe na cozinha, aí eu mando a mensagem pra ela, “Mãe, já fez o café?” “Aí ela responde se fez ou não o café, aí eu só vou pra mesa quando ela fizer o café. É negativo, isso é negativo, mas isso aí já é um costume, porque eu pergunto”: “Já fez o café?” “Aí minha responde”: “Menino, deixe de enjoo, já fiz”. “Pronto, já é o costume já isso aí” (S3) “Tipo, e é ruim também isso aí, porque a pessoa vicia aquela coisa e pronto” (S2) “Já vai da convivência da pessoa, a pessoa se tranca só ali, não convive, não interage com a pessoa isso é ruim pra pessoa até pra saúde, pra tudo” (S9) “Geralmente quando eu tô na porta, minha mãe fala: “Mande sua irmã fazer café”. “Aí eu tô na porta, pra mim não entrar pra mandar ela fazer café, aí eu digito no WhatsApp pra ela fazer” (S5) “No meu caso já foi assim, eu fui na casa de minha sogra, que ela colocou o wifi em casa dela, aí eu falando com outra pessoa pelo WhatsApp e ao mesmo tempo com a minha cunhada, aí, ao “invés” de eu escrever o que eu estava conversando com a pessoa no WhatsApp, eu escrevi o que eu estava conversando com a minha cunhada” (S5) (risos). “Bom, meninos, quero agradecer a vocês por esse momento maravilhoso de hoje que a gente reunido falando de meme, esse novo gênero textual. Para muita gente, eram só carinhas feias, umas mensagens que vocês passavam e só viam, curtiam e compartilhavam, mas não sabiam o teor que eram esses textos, com uma linguagem que vem carregada de significado, desses textos do gênero meme. Muito obrigada e até a próxima” (P). (palmas e risos.)

COLÉGIO ESTADUAL FELISBELO FREIRE

ALUNO..... 9ºANO A

PROFESSORA ANSELMA MORAIS

ATIVIDADE COM OS MEMES

COM BASE NOS ESTUDOS SOBRE OS MEMES, ANALISE OS TEXTOS SELECIONADOS RESPONDENDO ÀS QUESTÕES ABAIXO.

- 1- O QUE DESPERTOU A SUA ATENÇÃO PARA A ESCOLHA DESSE MEME?
- 2- A IMAGEM RETRATA UM FATO ATUAL OU NÃO? POR QUÊ?
- 3- QUAL A TEMÁTICA DO MEME?
- 4- VOCÊ SENTIU DIFICULDADE PARA IDENTIFICAR O TEMA? POR QUÊ?
- 5- O MEME TRAZ UMA CRÍTICA A ALGO OU A ALGUÉM? EM CASO AFIRMATIVO, EM QUE CONSISTE TAL CRÍTICA?
- 6- HÁ HUMOR NESSE MEME? CASO HAJA, COMO VOCÊ O IDENTIFICOU?
- 7- A QUE PÚBLICO SE DESTINA ESSE MEME? QUE PALAVRA OU EXPRESSÃO CONFIRMA A SUA RESPOSTA?

ANEXO C - RELAÇÃO DOS MEMES

Figura 01



Figura 02



Figura 03 (Memes 3A e 3B)



Figura 04 (Memes 4A e 4B)



Figura 05

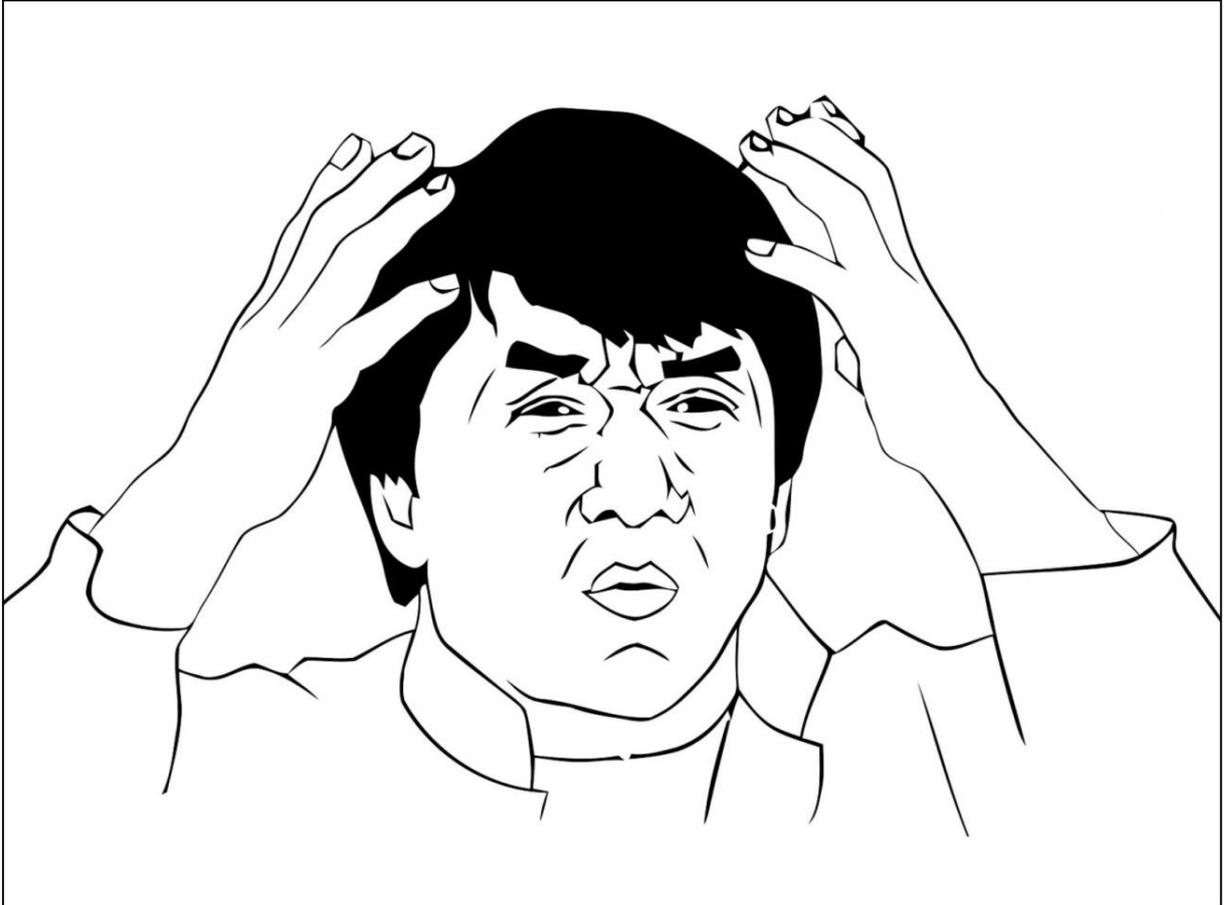


Figura 06



Figura 07



Figura 08

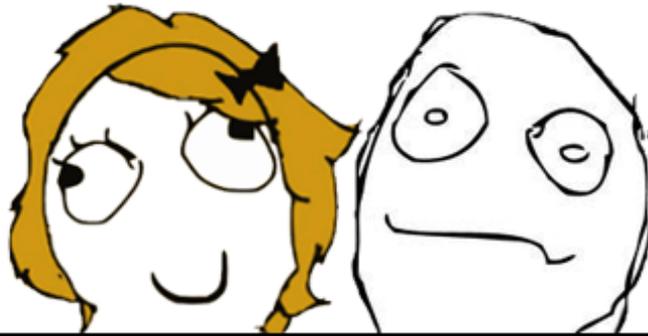


Figura 09

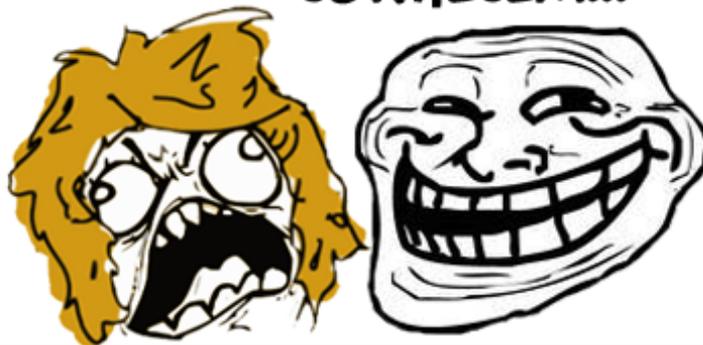
DERP E HERPINA ANDANDO DE MÃOS DADAS

**AMOR, FALA
A VERDADE,
EU SOU FEIA?**

**CLARO QUE
NÃO QUERIDA...**



**MAS SOLTA MINHA
MÃO UM POUCO,
POR QUE AQUELES
CARAS ALI ME
CONHECEM...**



**MUNDO
MEMES
.COM.BR**

Figura 10

**Antigamente, você
chegava na casa das
pessoas e pedia um
copo d'água. Hoje
você pede a senha
do Wi-Fi**